Ano XIV — Lisboa, Setembro e Outubro de 1958 — N.os 161 e 162

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO DUPLO 3$00

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

MAIS ALTO!

As folhas das árvores juncam os caminhos por onde tu passas, Escoteiro. A paisagem trocou o verde viçoso por cores esbatidas onde abundam tons castanhos e cinzentos. A ardência do Sol, contudo, não queima já as tuas faces nem torna penosa a marcha. Estamos no Outono, na mais bela estação do ano para a vida na montanha! E se a sombra do castanheiro não te convida agora para uma sesta, oferece-te, em troca, o seu saboroso e nutritivo fruto, que assarás no magusto e dar-te-á energia para escalar a vertente. Não arrumes, pois, o teu equipamento, resignando-te à vida cómoda de um face-pálida.

A montanha lança, nesta época, o seu desafio a todos aqueles que sabem apreciar as delícias da vida ao ar livre. Não te furtes a esse prazer. Olha para o Alto. O pico parece rasgar o céu e desafiar o Astro-Rei. Apetece galgar a serra, atingir as culminâncias e gozar a companhia das núvens. Não é fácil, é certo, subir encosta acima, por ásperas veredas, entre gargantas e ravinas, olhando precipícios que sedutoramente nos atraem para o abismo.

É necessária muita energia e forte coragem. Porque é difícil, é agradável. O Escotismo é a escola das dificuldades. Se elas faltassem não teria campo para agir. O seu objectivo é treinar homens capazes de as vencer. Por isso, o Escoteiro é tenaz, luta e vence obstáculos, gosta de esgrimir com a dificuldade e sente profunda alegria se conseguir arredá-la, deixá-la para trás, derrotada, vencida, inútil.

Ajusta, pois, a tua bota nos tornozelos, finca os tacões ferrados na vereda dura, apoia-te na vara amiga e companheira; segue encosta acima, para arriba, sem pressa, mas com firmeza. Chegar mais alto, sempre mais além, será o teu grande anseio. Porém, só atingirás esse cume, aparentemente inacessível, se fizeres desse alvo o teu grande ideal, a força que impulsionará a tua marcha.

Quando pisares o cabeço e sentires a montanha poderosa a teus pés, das alturas dominarás a serra, a campina, os abismos; disfrutarás os mais belos e mais largos horizontes, paisagens inesquecíveis de maravilhosas tonalidades. A brisa fresca acariciará as tuas faces e sentirás o inefável prazer do homem vitorioso, que realiza o seu objectivo, alcança o ideal e, então, serás verdadeiramente feliz.

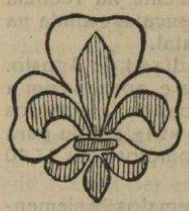
* * *

A escalada da montanha é perfeita imagem da vida. Se exercitares a tua energia e a tua vontade vencendo os obstáculos das encostas abruptas, serás também capaz de ultrapassar agrestes dificuldades da escalada da vida, onde abundam barreiras, ravinas, precipícios sedutores, que subtilmente te convidam para o abismo. Coloca o teu ideal bem alto, firma os teus calcanhares no caminho estreito e não te afastes nem para a direita nem para a esquerda; avança até atingires o teu alvo.

Não te contentes com um objectivo vulgar, rasteiro, mesquinho, fácil de alcançar. Esse não te poderá proporcionar a beleza dos horizontes vastos nem a brisa refrescante e acariciadora. Só encontrarás satisfação no dever cumprido e prazer na vitória dignamente conquistada, se o ideal prosseguido se fixar MAIS ALTO E MAIS ALÉM.

O Escotismo é uma ordem de cavalaria de altos ideais, cujos cu-

(*Conclui na página 2*)



1.º Acampamento Saudade

O título é da Redacção. Não é oficial, mas fica como sugestão. Talvez os «Antigos» o aceitem. De qualquer forma, porém, parece-nos poder servir de legenda para o acampamento de confraternização que os Antigos Escoteiros realizaram com os actuais Escoteiros na Quinta de S. Gonçalo, em Carcavelos, no passado fim de semana, de 20 para 21 de Setembro.

Estiveram presentes cerca de 70 antigos escoteiros, alguns vindos dos tempos *heróicos* do Movimento. Dos novos, compareceram em número superior a uma centena. Como primeira actividade, o acampamento foi suficientemente bom para dar prazer a muitos antigos que recordaram com saudade os tempos da mocidade, e encontraram, uma vez mais, velhos companheiros.

Houve uma reunião de «Antigos» para troca de impressões; visita aos campos dos grupos, «fogo de conselho» e festa de campo. Os antigos fizeram alguns jogos. Por exemplo, na corrida dos ovos pudemos ver o *nosso velho* José Rodrigues, sempre com o mesmo aspecto jovial, correr e disputar o jogo, ganho pelo Trancoso, que foi do 53, ficando ele em 2.º lugar. E houve interesse e entusiasmo nos jogos.

Dos novos, distinguiram-se no fogo do conselho o Grupo n.º 6 de Olhão e o Grupo n.º 94 da Ajuda, a quem a Fraternal fez a entrega do 1.º e 2.º prémios, lanternas de campo.

A presença do Grupo de Olhão foi uma nota simpática do acampamento. O chefe Francisco Pina conseguiu deslocar-se a Lisboa com 10 escoteiros.

O concurso de maior número de antigos escoteiros presentes foi ganho pelo Grupo n.º 94, seguido pelo 2, apenas com a diferença de um ponto. Receberam também lanternas de prémio.

A Fraternal, ao terminar a festa de campo, fez entrega ao Grupo n.º 12, recentemente fundado em Oeiras, do estandarte do grupo, como oferta. Em representação da Fraternal, a entrega foi feita pelos srs. Quintino Pinheiro, Xavier de Brito e prof. Aníbal Ramos, respectivamente vice-presidente da Direcção, vogal do Conselho Nacional e presidente do Conselho Fiscal. O Chefe António Viegas Custódio agradeceu.

A Fraternal recebeu também lembranças dos grupos 12 e 94. O primeiro fez entrega do emblema associativo feito em gesso, da autoria do chefe António Custódio, o segundo de dois pitorescos cartazes da autoria do subchefe Manuel Tacão Monteiro e de seu filho, o Lobito Daniel, alusivos à presença dos antigos.

O «Sempre Pronto» esteve presente no acampamento com uma pequena exposição de fotografias escoteiras de diversas épocas, literatura escotista e galhardetes.

O «94» em férias

Antes de contar o que foi o nosso acampamento, devemos esclarecer como o conseguimos realizar. Em Julho de 1957, pensou a Secretaria dos Grupos de Escoteiros Evangélicos em proceder à realização do I Acampamento de Férias dos Escoteiros Evangélicos, pelo que todos estes grupos deveriam começar desde logo a conseguir fundos para cobrir as maiores despesas. O tempo passou... e eis-nos em Agosto de 1958. Apenas o «94» está pronto para marcar presença, num belo esforço de todos os seus componentes, donde devemos destacar a acção do Caminheiro Armando Garcia Inácio, incansável nas campanhas que se levaram a efeito, nomeadamente na recolha e venda de papel velho e sucatas e ainda na venda de cromos pelo Natal.

E assim chegámos ao dia 24 de Agosto. Sem qualquer propaganda e apenas com a presença de algumas pessoas de família dos Escoteiros que partiam, o «94» seguiu para a Figueira da Foz, na automotora das 17.30 horas.

Dizer o que foi a viagem dos 22 elementos (entre Dirigentes, Caminheiros, Escoteiros e Lobitos), seria perder tempo, pois todos sabem o que é a alegria contagiante dos Escoteiros.

A nossa chegada à Figueira verificou-se cerca das 22 horas, esperavam-nos alguns membros da Igreja Evangélica daquela cidade, onde pernoitámos. Registamos aqui o nosso muito obrigado.

Na manhã seguinte, depois de uma bela refeição de «Milo Tónico Nestlé», que caracterizou sempre o nosso primeiro almoço e fazia a delícia da rapaziada, abalámos para ALHADAS, uma risonha aldeia a oito km. da Fig. da Foz, onde íamos fixar o nosso Acampamento e aí chegámos cerca das oito horas. Esperava-nos o gentil amigo Sr. Fernando G. Nogueira, sobrinho do proprietário da quinta onde nos instalámos, tendo-nos cedido uma carroça para o transporte do material.

Nessa tarde, fomos recebidos na Igreja Evangélica das Alhadas, a que preside o nosso bom amigo, Sr. Rev. Saul de Sousa, tendo o chefe Capitolino Macedo proferido a mensagem no culto desse dia.

A instalação e montagem do Acampamento foi efectuada nos três primeiros dias, tendo recebido a visita amiga do Director do Jornal «Sempre Pronto» e sua Esposa. Quando nos preparávamos para dedicar o tempo a passeios e jogos, e embora com nevoeiro todas as manhãs, fomos surpreendidos com um dia de chuva. Valeu-nos a amizade de um irmão na fé, Sr. Isaías que, logo pela manhã, nos foi oferecer a sua casa como abrigo, que, diga-se em abono da verdade, foi providencial. Os escoteiros e lobitos, ainda inexperientes, tiveram assim oportunidade de verificar como os escoteiros resolvem as dificuldades, tendo-se eles também livrado de pequenos problemas, por seus próprios meios, pois o momento era de apuro. Registe-se, no entanto, as precárias condições do material dos nossos Grupos de Escoteiros. Pelo que temos visto em acampamentos regionais, não somos os piores e o que sucedeu connosco pode suceder a qualquer. De seis tendas que foram armadas, apenas uma, propriedade de um caminheiro, tinha condições de serventia e valha-nos isso, pois essa, simbolizou o nosso Acampamento até ao último dia.

Anulado o programa, prèviamente estabelecido, logo se iniciaram novas actividades. Os arredores foram percorridos em passeios e jogos. Aproveitando a ida a Coimbra do Rev.º Saul de Sousa e Esposa, deslocaram-se àquela cidade, o subchefe Manuel Tacão e o caminheiro Armando Inácio, em visita de estudo.

No sábado 30, deslocámo-nos à Figueira da Foz onde permanecemos durante o dia inteiro. Às 12 horas, desfilámos do Jardim Municipal até ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra onde depusemos um ramo de flores. Após esta cerimónia, dirigimo-nos para a praia, onde tomámos banho e passámos algumas horas, tendo depois visitado a cidade e regressado a Alhadas.

Os fogos de conselho caracterizaram-se pela afluência de público; jovens da Igreja e simples camponeses, que se regozijavam com os nossos espectáculos. O último destes fogos de conselho teve a a presença de cerca de 300 pessoas e foram muito aplaudidos os números do nosso reportório, alguns inéditos que, mesmo a nós, causaram surpresa. Estiveram presentes a este fogo o Sr. Rev. Saul de Sousa e Esposa, muitos jovens, pessoas que se deslocaram da aldeia e muitos camponeses.

A viagem de regresso iniciou-se no domingo, dia 31, tendo voltado a pernoitar por gentileza na Igreja Evangélica da Figueira, tendo na manhã do dia 1 de Setembro, regressado a Lisboa na automotora das 7.30 horas.

Assim terminou uma das maiorès páginas do «94», pois da forma como o acampamento decorreu e foi realizado; conseguindo a presença de tão elevado número de elementos, a tão longa distância, decerto não é normal nos grupos de escoteiros portugueses. Sentimos orgulho pela alegria que proporcionámos aos nossos escoteiros e lobitos nestes nove dias de sã camaradagem, apesar dos imprevistos.

Queremos expressar a nossa gratidão a todos aqueles que directa ou indirectamente, nos auxiliaram, tornando possível esta bela viagem; ao Sr. Rev. Saul de Sousa e Esposa e ao bom povo das Alhadas pela simpatia e gentileza com que nos acolheu.

Luís Inácio

AOS NOSSOS LEITORES! AOS ESCOTEIROS!

O «Sempre Pronto» vai organizar um novo Concurso de Assinaturas, para o que pedimos que nos enviem sugestões a fim de lhe darmos originalidade.

INCRÍVEL...

Num jornalzinho, que se publica no Porto, com o título «Escutismo», dirigido por *Picapau de Jambville*, (pseudónimo que nos parece pertencer a um sacerdote que tem estado em Jamboris e possui a Insígnia de Madeira, portanto, pessoa de responsabilidade) lemos há dias, com espanto, a seguinte local:

«SANTA CRUZADA»

«Em 1949, quando do Rover Moot de Skajac, na Noruega, foram levadas por um dirigente 3 imagens de Nossa Senhora de Fátima e oferecidas aos respectivos Prelados de Copenhague, Oslo e Estocolmo, como símbolos da carinhosa mensagem da Cova da Iria. Foram as primeiras a entrarem naqueles SINISTROS PAÍSES protestantes». (...) (O destacado é nosso).

* * *

Lê-se e pasma-se! Que estranho, que sinistro Escutismo o destes senhores. Vão ao estrangeiro participar em actividades escoteiras, são lá recebidos com todas as deferências, tomam contacto com nações onde o progresso é tão evidente, que tem feito jus ao título de *Europa feliz*, e vêm para Portugal dizer disparates desta natureza.

Nas nossas relações com camaradas estrangeiros, temos conquistado muitas simpatias para Portugal e algumas visitas têm sido feitas ao nosso país através dessas relações. Desejamos que esses Escoteiros — seja qual for a sua crença — respeitem e estimem a nossa Pátria, mas é nosso dever proceder de idêntico modo para com as suas pátrias.

Chamar «sinistros» aos países nórdicos, não podendo ser atribuído a ignorância, é demasiada injustiça e inexplicável intolerância entre Escoteiros. Com tal espírito, não podemos compreender como é possível envergar o uniforme escoteiro.

E. R.

MAIS ALTO!

(*Conclusão da página 1*)

mes se situam nas alturas belas da Lei e da Promessa. Se o Movimento falha, não atinge os objectivos, falseia a missão, é porque consente no seu seio faces pálidas que não animam as vidas por verdadeiros ideais e preferem caminhar rasteirinhos por azinhagas húmidas e putrefactas, atalhos ínvios e sombrios da vida.

Mas tu, Escoteiro, não és um face-pálida. Aceita o convite da montanha, agarra o teu bordão, segura a bússola que apontará sempre o Norte, põe o teu saco no dorso e marcha para a conquista das alturas, mais além, onde colocaste o teu ideal, sempre para MAIS ALTO!

Livros indispensáveis a todos os Dirigentes e Guias de Patrulha

De Baden-Powell:
ESCOTISMO PARA RAPAZES .. 20$00

De Roland Philipps:
O SISTEMA DE PATRULHAS... 5$00

Provas de 3.ª classe:
PARA SER ESCOTEIRO ..... 3$50

Provas de 2.ª classe:
SEMPRE PRONTO ..... 5$00

À VENDA
SERVIÇO DE MATERIAL E UNIFORMES DA A. E. P.
e na Redacção do «Sempre Pronto»

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial

VI

Foi a América do Norte o país em que os actos demonstrativos de repulsa pelo Negro mais notoriedade adquiriram. Mercê da famosa *Cabana do Pai Tomás*, de Henriqueta Beecher-Stowe, a campanha a favor da abolição da escravatura alcançou ali grande êxito entre os Estados do Norte, pois a notável escritora divulgou com o seu romance muitos dos aspectos odiosos da mentalidade esclavagista nos Estados do Sul. Se havia muitos senhores de escravos que tinham em conta o que, para a sua economia, representava um escravo e, portanto, o tratavam bem, como, aliás, tratavam o seu gado, para um e outro darem o rendimento que deles se esperava, o que se generalizara era a mentalidade do escravocrata, que maltratava os pobres negros pela mais insignificante infracção.

Numerosa era já a população negra dos Estados Unidos há um século, mas concentrava-se principalmente nos Estados situados ao sul do Potomac — Virgínia, Carolinas, Flórida, Luisiana e outros. Mas nem por reconhecerem o perigo que um dia poderia resultar do aumento progressivo da população negra, os brancos procuravam minorar a triste sorte dos escravos, que continuavam a vir da África, apesar do rigor da vigilância dos navios de guerra ingleses e portugueses, que patrulhavam o golfo da Guiné e o Canal de Moçambique. A despeito desse rigor e do severo castigo infligido aos negreiros, estes continuavam a enriquecer com o negócio do «pau de ébano», transportando nos seus navios, sem quaisquer condições de acomodação ou higiene, para o Brasil e para a América do Norte, os escravos roubados na costa ou comprados aos régulos, que assim se desfaziam com lucro dos seus prisioneiros de guerra.

O Negro considerava-se em toda a América um animal de carga ou de trabalho, a quem não se deviam considerações de qualquer espécie. E não obstante das muitas provas de dedicação e amor dos negros por brancos, a cada passo, nas grandes cidades ou nas pequenas *towns* do interior, se assistia à aplicação da chamada Ley de Lynch, à sombra da qual os brancos, com a maior sem-cerimónia, castigavam os negros, sob os mais fúteis pretextos, com pena de morte, sumàriamente aplicada.

Surgiram, aqui e além, casos de revolta por parte da população escravizada, que se sentia esmagada sob o peso duma violência que não tinha qualquer explicação humana, violência que tem sido até hoje a responsável pelo fracasso da penetração do Evangelho em certos sectores de negros. Efectivamente, por muito que se amesquinhe o Negro considerando-o atrasado mental e até estruturalmente ininteligente, a verdade é que houve e há muitos negros inegàvelmente inteligentes, lançados na revolta e na descrença por verem a oposição entre a doutrina de Cristo, que os brancos pregam e dizem seguir, e os seus actos da mais revoltante selvajaria exercidos sobre populações consideradas inferiores.

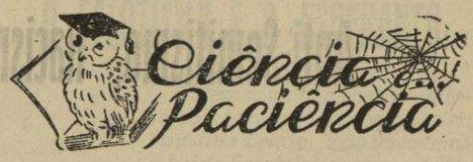
Foi esse espírito que animou e dirigiu John Brown, um branco revoltado contra o escravagismo, depois sacrificado na Virgínia, enforcado, de nada tendo valido o nobre apelo da grande voz de Vítor Hugo, então exilado em Guernesey, e dirigido à grande República da Norte América.

O livro de Mrs. Beecher-Stowe ecoou nos Estados Unidos e em todo o Mundo, e um espírito novo começou a animar os homens do outro lado do Atlântico. E em 1863, o grande presidente Abraão Lincoln, uma das grandes figuras a quem a Humanidade deve culto imorredouro, publicou o decreto de alforria dos escravos, que nesse dia ergueram altar de culto perene no seu coração ao homem eminente, cuja nobre coragem iria, poucos anos depois, causar-lhe a morte.

A má vontade dos Estados do Sul manifestou-se acto contínuo, e enquanto por toda a parte a letra do decreto, aprovado pela Câmara dos Representantes, era sofismada ou escarnecida, pelo outro a Carolina do Sul declarou-se em «secessão» da União, breve acompanhada do Mississipi e de mais quatro Estados, que contituíram a Confederação do Sul, entrando logo em guerra com os Estados do Norte. E durante quatro anos uma guerra bravia e selvática devastou os Estados Unidos até à vitória das tropas do general Grant em Gettysburgh, que pôs fim à guerra e à Secessão.

Lincoln caiu pouco depois sob as balas dum desvairado, mas pôde ainda ver a vitória e celebrá-la. Mas os negros norte-americanos passaram, desde então, a ser livres e teòricamente iguais aos brancos em direitos.

(Conclui na 4.ª página)



PROBLEMA DIFÍCIL

Possuímos três jarros de 12, de 7 e de 5 litros. O jarro de 12 litros está cheio de água e os outros dois estão vazios. Precisamos de separar 6 litros de água e não possuímos qualquer outro utensílio que nos possa auxiliar na medição. Utilizando apenas os três jarros como procederemos?

* * *

Solução do Problema de Agosto

Alguns dos nossos concorrentes demoraram-se em correctas mas laboriosas opeções aritméticas para obter o resultado. Um simples raciocínio era suficiente:

Bastava tirar 3 peúgas. De facto, tiraria 3 da mesma cor ou 2 de uma cor e 1 de outra. De qualquer maneira, estaria seguro de que um par era igual.

Acertaram na solução do problema e marcaram os 5 pontos para o concurso, os nossos concorrentes, srs.:

José Alberto Figueira Guerreiro, de Faro.

António E. Amêndoa, de Lisboa.

José C. Teixeira, de Coimbra.

José Manuel de Jesus Fernandes, de Vila Real de Santo António.

* * *

As respostas ao problema deste mês podem ser-nos enviadas num simples postal para a nossa Redacção dentro de 15 dias após a saída do «Sempre Pronto», indicando-nos não só o resultado mas a forma como foi obtido. Os assinantes das Ilhas Adjacentes têm 30 dias para remeter o resultado e 45 dias os das províncias ultramarinas.

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

De Luto — Em 21 de Agosto passado, faleceu a sr.ª D. Virgínia da Silva Rodrigues de Lima e Santos, esposa dedicada do nosso bom amigo e assinante sr. Víctor Manuel de Lima e Santos, secretário das relações internacionais do C. N. E.. A ilustre senhora fez parte da Junta Executiva das Guias de Portugal e dedicou sempre o maior interesse ao Escotismo.

«Sempre Pronto» apresenta sentidas condolências ao sr. Lima e Santos e a seus filhos.

● Também em Agosto passado, faleceu em Gaia, o Rev. Armando Pereira de Araújo, ministro da Igreja Lusitana e escritor muito apreciado, que há algum tempo se encontrava bastante enfermo. O extinto era sogro do nosso estimado amigo e antigo delegado deste jornal sr. Arnaldo Eduardo Couto, chefe do Grupo 91, a quem, bem como à restante família, «Sempre Pronto» apresenta sentidos pêsames.

Boletim da Fraternal

Em virtude da Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal ter dedicado a sua atenção aos preparativos do Acampamento de Confraternização, não teve possibilidade de nos enviar o original do Boletim a tempo de sair com o presente número do «Sempre Pronto».

O Boletim respeitante a Setembro-Outubro será publicado no próximo número deste jornal. A Direcção da Fraternal apresenta as suas desculpas aos associados.

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial

(Conclusão da página 3)

Dissemos *teòricamente* porque, infelizmente, por muito justa ou generosa que uma lei seja, estará condenada ao insucesso se os homens a não aplicarem com o mesmo espírito com que o legislador a redigiu. De que valia, de facto, aos negros serem, por lei, equiparados aos brancos, se estes, apesar de tudo, continuavam a considerá-los seres à parte?

Já não era possível comprar, vender ou castigar escravos, porque a Lei o não permitia, punindo os infractores. Mas o que as leis não previram, talvez mesmo fosse difícil aos legisladores prevê-lo, era que os brancos pudessem passar a isolar pràticamente os negros dentro de sectores estanques, para fora dos quais não poderiam sair sem perigo para eles. Entrou-se então no regime da Segregação Racial. Data daí a criação e acção intensa da sinistra *Ku-Klux-Klan*, associação que visava o castigo dos negros considerados culpados de delitos ou de crimes não punidos pelas leis, e que chamou a si a missão de também advertir os brancos de que não deveriam acompanhar ou conviver com negros, sob pena de castigo.

Desde então até hoje o problema do Negro tornou-se um dos problemas cruciais dos Estados Unidos, e muitos casos de linchamento de negros e de duras represálias por parte de brancos mancharam a história brilhante da grande Confederação.

Os anos que se seguiram à I Grande Guerra — na qual morreram muitos negros norte-americanos, que então cumpriam o seu dever militar — viram uma acalmia nos excessos dos nativistas norte-americanos, mas em troca viram também surgir a agravar-se o problema da segregação racial na União Sul-Africana, onde a opinião pública, entre os africânderes, passou a ser orientada pela imprensa racista, de mentalidade retrógrada e preconizadora da violência.

Também nas grandes cidades da União passou a haver lojas para brancos e lojas para negros; em autocarros em que entrassem uns não poderiam entrar os outros; e se num estabelecimento público tivessem de entrar pessoas das duas cores, havia uma barra metálica a separar inexoràvelmente brancos de negros.

O final da II Grande Guerra — em que os povos civilizados se uniram numa cruzada generosa para combater exactamente os países de mentalidade racista — viu voltar ao primeiro plano, na América do Norte, o problema do Negro, ali se desenrolando cenas indignas do grande povo civilizado que escreveu esse admirável Preâmbulo da Constituição.

Já em nossos dias foi o Estado de Arcansas quem deu o sinal para a mais intransigente campanha contra a igualdade de direitos entre negros e brancos, e o governador Orval Faubus adquiriu triste celebridade por se opor à integração de crianças negras nas *High Schools* do Estado, recusando-se a fazer cumprir o decreto federal que a determinou. Em Little Rock (Arcansas), em Clinton (Tennessee), em Birmingham (Alabama) e em numerosas outras cidades do Sul sucedem-se os incidentes e os atropelos à lei da integração, havendo até na cidade de Annapolis (Maryland) surgido novas manifestações odientas da grotesca *Ku-Klux-Klan*, que ameaçou de morte o Governador do Estado por este ter declarado que a causa dos tristes incidentes de Little Rock se devera à intransigência fanática do Governador Faubus.

E com grande espanto do mundo civilizado, há pouco mais de um mês, Londres, a liberal Londres, a cidade que acolheu e acolhe fraternalmente os emigrados de todo o mundo fugidos à opressão e ao extermínio, Londres assistiu, pela primeira vez, à vergonha de ver, dentro dos seus muros, os desvairados *teddy-boys*, de mentalidade fascista, assaltarem e espancarem negros indefesos e resistirem à polícia que pretendia impor a ordem e salvaguardar os direitos que a lei inglesa reconhece a todo o inglês como a todo o estrangeiro. Felizmente para a Civilização, em Londres ainda há Justiça e na Inglaterra a palavra *Liberdade* não é o mito que dela fizeram os europeus do Continente. A vara da Justiça Britânica soube castigar esses rapazinhos que, levianamente, pretenderam enlamear a Union-Jack.

O mundo está, de facto, doente, e considerando os factos superficialmente e pelos resultados aparentes, poderíamos ser levados a concluir que falharam os grandes ideais da Revolução Francesa e que o próprio substracto básico do Cristianismo — «Amai a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a vós mesmo» — ruiu fragorosamente sob a irrupção violenta do ódio que quer esmagar o Homem em holocausto à Loucura.

Mas trata-se, cremos bem, de loucura passageira, pois todos os nobres ideais que o Mundo ouviu pregar desde Çakya-Muni até Bertrand Russell não podem morrer, por muito que se obstinem aqueles que sentem a nostalgia da selva ancestral.

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

Perdemos um "Record"...

A notícia chegou-nos através de uma agência telegráfica. Em South Lynn, Inglaterra, um tal Jonh Walt, querendo ser o mais idoso escoteiro do Mundo, alistou-se num grupo de escoteiros. Tem a bonita idade de 90 anos e fará o seu compromisso de honra, depois do regular período de aspirante.

... Agora compreendemos a razão por que aparecem, às vezes, aqui em Lisboa, uns escoteirinhos trintões e quarentões, recentemente ingressados no Movimento, fazendo parte de patrulhas, com insígnias e outras gracinhas *mais. Trata-se de uma competição. O* record *pertence agora à Inglaterra - apesar das rígidas normas do P. O. R. — mas não nos admiremos se ainda o conseguirmos bater...*

• • o • •

DO ALGARVE

Gupo n.º 60 — Vila Real de Sto. António

Acampamentos

Desenvolveu o Grupo n.º 60, na época campista cujo fim se avizinha, regular actividade para treino dos seus componentes e divulgação do movimento, tendo acampado nas proximidades desta Vila, nos dias 24 e 25 de Maio, 14, 15, 28 e 29 de Junho, 5, 6, 19, 20, 26 e 27 de Julho, 9, 10, 24, 25, 30 e 31 de Agosto, 20 e 21 de Setembro, com o usual programa de trabalho a contar para o concurso trimestral «Troféu do Jamboree». Destes acampamentos, os primeiros foram dirigidos pelos Guias das Patrulhas Juniores e por elementos do Clã «Viriato», criado no princípio do ano decorrente, que satisfizeram como orientadores.

No dia 3 de Agosto, foi o Grupo visitado no campo, junto a Monte Gordo, pelo Sr. João Trigueiros, antigo delegado dos Serviços-Centrais e actua delegado da Fraternal dos Antigos Escoteiros, no Algarve, que apreciou os trabalhos de arrumação e decoração dos subcampos das Patrulhas, dirigindo no final da visita palavras de louvor e incitamento aos Escoteiros.

No acampamento de 20 de Setembro, após o hastear de bandeiras, prestou Compromisso de Honra o aspirante Telmo Carlos Guerreiro, que ingressou na Patrulha «Poupa».

Concurso Trimestral

Continua a despertar grande entusiasmo entre as Patrulhas o concurso «Troféu do Jamboree». No trimestre findo em Junho, venceu com razoável diferença de pontuação a Patrulha «Lobo», que assim averbou duas vitórias consecutivas, seguida da «Poupa» e da «Águia».

A aventurosa viagem de um Escoteiro-Chefe do Paquistão

Por ocasião da nossa viagem para o Jambori do Jubileu, tivemos ocasião de conhecer em Paris o sr. Taqi Mohsin, escoteiro-chefe do Paquistão, antigo oficial administrativo da aviação daquele país, que connosco fez a viagem até Sutton Park e ali nos apresentou a outros membros da delegação paquistanesa, especialmente a seu irmão, director do jornal escoteiro da respectiva associação.

O sr. Mohsin, que tencionava visitar Portugal, andava então em viagem desde 1956, tendo percorrido diversos países do Médio Oriente, Norte de África e Europa. Mais tarde, voltámos a ter notícias do viajante. Estava, salvo erro, no Líbano em companhia dos seus camaradas que regressavam ao Paquistão e ia abandoná-los, seguindo para os Estados Unidos, viagem que não sabemos se foi feita.



No Jambori do Jubileu, em Inglaterra, realizado em 1957. Dirigentes escoteiros do Paquistão na companhia do Director e do Administrador do «Sempre Pronto». O primeiro da esquerda é o sr. Taqi Mohsin.

Voltámos agora a ter notícias do Chefe Mohsin através de um exemplar de «The Sunday Post», de Nairobi, que traz uma reportagem acerca da sua viagem de «boa vontade mundial». Conta esse jornal, que à sua passagem por Alexandria, as autoridades lhe apreenderam o passaporte e o meteram numa prisão—como muitas desculpas, certamente, por não terem lugar mais confortável para uma pessoa nas suas circunstâncias. Entretanto, foram investigar quem era o sr. Mohsin, porquanto o julgavam um espião judeu em face da sua barba. Três dias mais tarde, voltaram convencidos de que o viajante era, de facto, um Escoteiro-Chefe reconhecido pela associação nacional escoteira do seu país.

Comentando este incidente àquele jornal, o sr. Mohsin dizia: «Nunca saí de um país com tanta alegria como do Egipto. Foi o único lugar que até agora atravessei onde recebi tal espécie de tratamento. Quando os Egípcios vieram para me libertar, perguntaram-me se podiam prestar-me algum serviço. Respondi-lhes que a melhor coisa que me poderiam fazer seria fazerem-me sair do seu país. Então puseram-me numa carruagem de correio. Por causa da minha barba, pensaram que eu era judeu e queixaram-se de que falava árabe como um judeu».

O sr. Mohsin chegou a Nairobi em 10 de Maio passado, tendo seguido em 1 de Junho para Mombaça. Daqui regressará novamente a fim de subir o Kilimanjaro. Tenciona depois seguir de Tanganica para Zanzibar, Rodésias e África do Sul. Espera estar de regresso em Lahore no fim de 1960.

O extraordinário viajante deseja levar a mensagem de boa vontade ao maior número possível de escoteiros, a sua viagem tem o reconhecimento da sua associação. Ele afirma: «Não preciso de muito dinheiro para as minhas viagens, visto que por toda a parte sou recebido com a melhor hospitalidade».

DO ENTRONCAMENTO

Grupo n.º 84

Banda — A banda dos Escoteiros tem continuado a prestar toda a colaboração aos acontecimentos mais importantes que animam a vida deste próspero concelho. Assim, em 21 e 29 de Junho, percorreu as ruas da Vila a convite da Comissão de Festas de S. João, dando à noite um concerto.

No dia 30, juntamente com a Banda do Ateneu, colaborou na inauguração da tracção eléctrica, percorrendo as ruas da Vila.

De Luto — Em 13 de Junho passado, num lamentável desastre de viação ocorrido próximo da Quinta da Cardiga, perdeu a vida um irmão dos escoteiros Manuel António e José Fernando Lopes da Costa, a quem endereçamos os nossos sentidos pêsames. — *C.*

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

O ESCOTISMO E O ESPERANTO

Recordando o nosso saudoso colaborador esperantista sr. Faustino Leitão, transcrevemos a Lei do Escoteiro em Esperanto.

SKOLTA LEĜARO

1. La honoron de skolto oni povas fidi.
2. Skolto estas lojala.
3. Skolto devas esti utila kaj helpi aliajn.
4. Skolto estas amiko al ĉiuj kaj frato al ĉiu alia skolto sen diferenco, al kiu lando, socia klaso, aŭ religio, apartenas tiu.
5. Skolto estas ĝentila.
6. Skolto estas amiko al bestoj.
7. Skolto obeas.
8. Skolto ridetas kaj fajfas en ĉiaj malfaciloj.
9. Skolto ŝparas.
10. Skolto estas pura en penso, parolo, kaj ago.

* * *

Como certamente os nossos leitores esperantistas sabem, existe a Liga Esperantista Escoteira, que comemorou no Jambori do ano passado o 40.º aniversário da sua funcação.

Qualquer informação acerca da «Skolta Esperantista Ligo» pode ser pedida para o seu secretário, Mr. Charles Bardsley; 42, Westbourne St., Oldham, Lancs., England.

EM OEIRAS

Um novo grupo de Escoteiros

No passado dia 3 de Agosto, foi inaugurado o Grupo n.º 12 dos Escoteiros de Portugal, anexo ao grupo desportivo do importante estabelecimento fabril «Fundição e Construção Mecânicas». Assumiu a chefia desta unidade o antigo escoteiro sr. António Viegas Custódio, membro do pessoal daquela fábrica, onde também foram recrutados os oito aspirantes que naquela ocasião prestaram compromisso de honra.

O acto realizou-se no amplo refeitório daquela Empresa, ornamentado devidamente, e teve a abrilhantá-lo a banda de música daquela mesma instituição, que precedeu os grupos de Lisboa e Sintra no desfile que prèviamente tinha sido realizado através da Vila.

Presidiu o sr. António Cardoso dos Santos, presidente do conselho de administração da Fundição, ladeado por sua esposa, e pelos seus colaboradores srs. Eng.ºs Jorge C. Nunes Rosa, e Joaquim Baptista, Augusto Branco, Jorge Ferreira Isasca e Manuel Rita, presidente do Grupo e antigo escoteiro.

Estiveram presentes deputações dos grupos de Lisboa n.ºs 2, 13, 10, 53, 79, 94 (da Ajuda) e 93 de Sintra.

Durante a sessão usaram da palavra os srs. Viegas Custódio, Manuel Rita, e Cardoso dos Santos, tendo este amigo dedicado do Escotismo afirmado que os Escoteiros poderiam contar com a sua cooperação para tudo quanto pudesse fazer a bem do Grupo.



Os homens não se medem aos palmos

Ao saber que Jorge, um escoteiro de catorze anos, tinha muito desgosto na sua pequena estatura, o chefe do grupo, certo dia, apontou-lhe vários exemplos de homens pequenos que foram grandes homens. E, entre eles, citou-lhe a vida de um português, de reduzida estatura, mas grande alma, a quem Mouzinho chamou português de ouro como dos bons tempos da conquista, alma simples de soldado feita de ousadia e abnegação, e o mais ilustre de todos os oficiais que têm honrado o nome português em África, modelo de virtudes militares, de coragem e abnegação.

— Quem era esse militar? — perguntou Jorge.

— Caldas Xavier.

— Já tinha ouvido falar nesse heróico oficial, que tomou parte no combate de Marracuene.

—Esse mesmo. Caldas Xavier nasceu em 25 de Setembro de 1852. O pai dele tinha uma oficina de cantaria. Queria que o filho fosse escultor, mas ele desejava ser oficial da marinha. Aos onze anos, Caldas Xavier concebeu e desenhou um mausoleu que deve, talvez, ainda existir num cemitério do Porto. Portanto, pode dizer-se que começou a vida como canteiro, o que talvez muita gente não saiba. Fez um curso distinto e deixou na Escola Militar modelos de gesso e madeira, executados a pedido do lente, major Tomás Bastos. Ainda lá devem existir esses modelos.

O chefe calou-se por uns instantes.

— E depois?

— Em 1894, com outros oficiais, componentes dos serviços de delimitação da fronteira, foi passear à cidade do Cabo. Ora, a uma mesa do hotel, estavam alguns estrangeiros, achincalhando a nossa colonização em Moçambique. Caldas Xavier, ouvindo o que se passava, exclamou para os seus companheiros: *É preciso que esses biltres saibam que não se pode falar mal de Portugal, impunemente, quando estão presentes oficiais portugueses.* Caldas Xavier dirigiu-se ao grupo, a pedir explicações. Os estrangeiros riram-se, pois o oficial português era muito baixo, media apenas 1.58 m. Mas não esteve com meias medidas. Deu um puxão à toalha, fazendo cair tudo no chão. Pegou na cadeira e deu com ela nos maldizentes.

— Valente português!

— Sem dúvida. Os homens não se medem aos palmos meu rapaz. Não calculas a confusão que devia ter havido no hotel. Pois Caldas Xavier saiu de lá sem ter sido importunado...

— Boa lição que ele deu aos caluniadores! — exclamou Jorge.

— Mas não ficou por aí a sua valentia. Em 1884, na Zambézia, os negros assaltaram o prazo Massingire, assassinaram o capitão Vitoriano Queiroz, os filhos, de 10 e 11 anos, e quase todo o destacamento. Só um alferes, chamado Curado escapou à cachina por ter casado, cafrealmente, com a filha do régulo. E se soubesses como foram martirizados os brancos...

— Como, senhor chefe?

— O Capitão foi amarrado a um baobá. Perto, fizeram uma fogueira e, depois, começaram por arrancar, na sua presença, todos os membros dos filhos, atirando-os à fogueira. Essa tortura durou mais de uma hora!...

— Que barbaridade!

— Achas? Pois o pai ainda sofreu maiores torturas. E tudo isso ao som de um festivo batuque. Depois mataram, ferozmente, o negociante José Augusto de Freitas, roubando tudo. Saquearam uma feitoria francesa e assaltaram, perto da Mopeia, lanchas de uma casa também francesa, cheias de marfim e fazendas. Seguiram, matando, roubando e destruindo.

— E que fez Caldas Xavier?— perguntou o escoteiro.

— Deu-se o massacre em 20 de Julho. Em 11 de Agosto, surgiram nas instalações da Companhia do Ópio, em Mopeia. Todos os auxiliares fugiram. Caldas Xavier, imperturbável, disse: *Podem partir, porque eu fico.* Só ficaram Caldas Xavier, seu irmão Eduardo e o engenheiro Henderson. Ali só havia duas soluções: fugir ou vender cara a vida. E como Caldas Xavier não era homem que fugisse...

— Claro está, defendeu-se.

— Nem mais. Estavam num armazém de 13 metros de comprido por 7 de largura, com paredes de alvenaria até 2,m5 de altura. O telhado e o restante das paredes eram forrados de folhas de ferro. Naquele armazém fortificado existiam fazendas e alimentos para os indígenas. Iriam resistir Caldas Xavier, o irmão que lhe carregava as armas, o engenheiro Henderson, um preto chamado Mechochoma, o criado Janeiro, e mais 20 indivíduos, indianos e pretos, a uma avalanche de 2.000 negros sequiosos de sangue e rapina... Mas que estás tu a contar pelos dedos, Jorge?

Estava a ver quantos defensores estavam no barracão...

— 25. Mas, os indianos só choravam e rezavam. Os pretos pouco mais faziam. De fora os salteadores dispunham-se a deitar fogo ao barracão. Então, Eduardo, juntou alguns barris de pólvora. Iria tudo pelos ares... Mas, depois de sete horas de fogo, em que Caldas Xavier, milagrosamente, não fora tocado pelas balas, embora fizesse fogo, descoberto, por uma janela aberta, contra milhares de negros, chegaram socorros. Henderson estava muito ferido. O bravo oficial tinha o rosto inchado, queimado de pólvora e manchado de sangue; estava cansado e rouco e o braço direito tão dorido do recuo das armas que não o podia mover. E sabes o que, no final, disse o Mechochoma?

— Certamente que ele era muito valente...

— Esse preto, que se bateu valentemente, disse que Caldas Xavier tinha feitiço contra as balas. Mas não era só ele que assim pensava. Um dos seus soldados exclamou: *Com ele íamos até para o inferno!* E no combate de Marracuene, a animar os seus homens, gracejava: *Não tenhas medo, rapaz, as balas não fazem mal.* António Enes dizia que Caldas Xavier levantava os desalentos com a sua fé robusta e dissipava os maus humores com a sua alacridade palavrosa. E em Macequece?

— Também se bateu?

— Sim, contra as forças da South Africa Company. O fogo foi nutrido de ambos os lados. Os nossos oficiais excitavam os combatentes. Pois Caldas Xavier expunha-se nos sítios mais perigosos, enquanto os canhões e as metralhadoras vomitavam metralha. Aqui tens quem era Caldas Xavier, um homem pequenino, mas de grande alma.

— Faleceu há muitos anos?

— Sim. Pouco depois de Mouzinho ter aprisionado o Gungunha-

(*Conclui na página 10*)

KERKRADE SAÚDA O MUNDO

Às seis horas da manhã do dia 1 de Agosto, o corpo da polícia municipal de Kerkrade desfilou pelas ruas daquela localidade do Sul da Holanda, não com a intenção de fazer crer aos 10.000 habitantes daquela cidade de que estavam bem guardados, mas sim para festivamente anunciar-lhes que nesse dia começava o terceiro concurso internacional de música.

A polícia de Kerkrade é também muito dada à música, o que não é de estranhar, pois nesta pequena cidade mineira de Limburgo, existem nada menos que 12 bandas de música, 18 coros, 3 orquestras e sete conjuntos de tambores e flautas.

Em Kerkrade não há ninguém por mais importante que seja, que não pertença a uma ou outra das numerosas corporações musicais, e todos os domingos depois de realizados os serviços religiosos, as cem casas onde se ensaiam os conjuntos musicais, enchem-se sempre de numerosa assistência.

Perguntar-se-á porque é que em Kerkrade todos adoram a música?

A verdade é que a população desta cidade é constituída exclusivamente por mineiros, pois que as minas são as mais antigas da Europa e a sua exploração já se faz desde o ano 1130.

Pelo facto de trabalharem nas minas, os habitantes de Kerkrade, sentem necessidade de cantar muito e especialmente quando se encontram ao ar livre.

Não só a música atrai a população desta laboriosa cidade, na época carnavalesca, são de todo o Limburgo os que melhor celebram o carnaval, apresentando as melhores tradições e as mais lindas canções e coplas da sua autoria.

Talvez tenham que esforçar-se por manter-se a si próprios para não caírem na influência germânica e romana que os rodeia, pois que Kerkrade se encontra apertada como a cauda de uma andorinha entre a Bélgica de fala francesa e a Alemanha. Esta dupla vizinhança faz dos habitantes de Kerkrade gente laboriosa, pontual e aplicada, pela parte germânica, e alegre engenhosa e expressiva pela parte latina.

Resulta que Kerkrade é uma cidade aberta, não no sentido bélico da palavra antes no sentido pacífico de permeável, obsequiosa e hospitaleira.

Porque se está aberta às influências étnicas e culturais não o está menos aos homens de qualquer parte do mundo que a ela cheguem.

E a prova é que desde o dia 1 a 31 de Agosto cerca de 200 sociedades musicais procedentes de 25 países das cinco partes do mundo, arribaram a Kerkrade.

Como Kerkrade não possui mais de quatro ou cinco pequenos hoteis, os hóspedes foram recebidos na sua maioria por numerosas famílias da cidade.

Bonita solução não é verdade? E que estupenda lição de solidariedade e colaboração.

Mas note-se que os habitantes de Kerkrade não se limitaram a aboletar os seus hóspedes, trataram-nos como manda o estilo limburguês: tudo corre por conta do anfitrião. Para isso as famílias de Kerkrade organizaram-se segundo um sistema de economias que já durava há três anos, devido ao qual não necessitaram de recorrer a nenhum subsídio oficial.

Crêem—e crêem bem—que para receber cordialmente os seus hóspedes estrangeiros, há que procurar falar-lhes na sua própria língua. Então, homens e mulheres começaram durante ano e meio a frequentar cursos especiais de inglês alemão, francês, italiano e espanhol, procurando aprender o mais importante destas línguas.

Com semelhante trato, não é de estranhar que depois de cada festival cheguem às famílias de Kerkrade, cartas de todo o mundo expressando-lhes a sua mais efusiva gratidão.

Este ano, voltaram a entrar em competição, conjuntos filarmónicos de todo o mundo, na grande sala de concertos, especialmente construída para este fim e na qual cabem cerca de 6.000 pessoas.

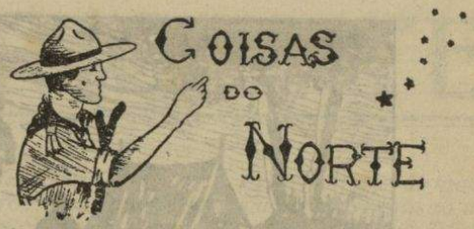
Concorreram, desde a Banda Militar da pequena República de São Marinho até à Banda Sinfónica da Universidade de Mississipi dos Estados Unidos.

Entre dezenas de bandas e fanfarras representadas, encontravam-se músicos de Israel, Turquia e Suíça; orquestras de mandolinas da Itália e Escandinávia; conjuntos de dança de Portugal e até de África.

Enfim, deu realce ao festival a Banda da Guarda Republicana de Paris que, com os seus trajes de gala e os seus penachos de um negro brilhante, abriu o concurso à guisa de saudação para os milhares amantes da música que estiveram presentes. Deste modo, o lema do festival: «KERKRADE SAÚDA O MUNDO», teve um mais amplo sentido.

E não o saudou de longe, mas antes abrindo as suas portas e os seus corações e dando o mais alto exemplo da confraternização internacional, fazendo realidade o postulado de que o mundo é uma grande família.

(Transcrito do boletim do Rádio Nederland-Hilversum).



Grupo N.º 4 — PORTO

Provas de Pista e de Orientação - No dia 13 de Julho, a Divisão Caminheira deste Grupo realizou um exercício de pistas e orientação em volta da sua Sede num perímetro de 8 km. Na mesma ocasião a Divisão Escoteira, constituída pelas patrulhas «Gato Preto» e «Maçarico», realizou também um exercício de pistas. A Divisão Lobito realizou também um exercício.

Estes trabalhos despertaram a curiosidade de muitos aspirantes do Grupo.

Dia do Lobito — Este grupo promoveu no dia 20 de Julho passado, esta comemoração, efectuando um bivaque no sítio da Ponta da Pedra, a que os lobitos chamam a «Floresta Negra», tendo sido visitados aqui pelas famílias, escoteiros e caminheiros. Acompanhados pela sua Aquelá e pelo Chefe Arnaldo E. Couto, deram-nos também o prazer da sua visita os lobitos do Grupo 91.

Sob a orientação da Menina Gualdina Couto, Aquelá do Grupo 91, realizaram-se diversos jogos de conjunto.

Acampamento — No dia 27, este Grupo acampou no lugar de Gramido.

Portugal no festival Internacional de música

Apesar do valor dos conjuntos filarmónicos que concorreram ao Festival de Kerkrade, o segundo prémio foi alcançado, com muita justiça, pela Banda do Montijo, de que é maestro o sr. António Gonçalves, antigo escoteiro do Grupo n.º 1. A ele se ficou devendo a feliz iniciativa de levar à Holanda aquele grupo musical, que tanto honrou Portugal. Dificilmente se pode imaginar a força de vontade, sacrifício e dedicação de que é preciso dar provas, para que Maestro e executantes tenham conseguido elevar aquela Banda — constituída por amadores — ao nível artístico necessário para marcar perante tantos competidores a posição de brilho que alcançou.

Mas, o maestro António Gonçalves, fazendo jus à sua formação escoteira — onde ele deu os primeiros passos na música — não limitou a sua acção à preparação artística; ele lutou incansàvelmente para conseguir a deslocação da banda. Foram, por isso, muito merecidas as homenagens que lhe foram apresentadas pelo povo e autoridades do concelho do Montijo e do distrito de Setúbal, a que «Sempre Pronto» se associa com prazer.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Escoteiro:

Continuamos a publicar a tua página. Diligenciamos que ela seja agradável ao teu espírito juvenil e possa despertar o teu interesse. Queremos que esta página constitua um auxiliar útil para a vida das patrulhas. Desejamos, no entanto, que tu também a utilizes para transmitir aos teus companheiros as tuas ideias e opiniões acerca do Escotismo, da actividade das patrulhas, da acção dos grupos, de tudo aquilo que te parecer importante.

Franqueamos-te as colunas desta página e esperamos que não deixarás de as utilizar. Manda-nos, sem receio, a tua colaboração. O Guia António Amêndoa viu já as suas ideias insertas aqui no último número. Esperamos outros.

Entretanto, aceita um abraço do teu amigo dedicado e

«Sempre pronto»
LOBO VELHO

O que faremos com as Insígnias de Aptidão?

Temos verificado, com tristeza, que muitos dos nossos escoteiros se contentam em ser escoteiros de 3.ª classe e, se alguma vez atingem a 2.ª classe, ficam definitivamente estagnados nessa categoria sem nada mais fazer para progredir. Tal atitude é lamentável, porque um escoteiro, que seis meses após a sua Promessa, não conquista a 2.ª classe, é um pata-tenra. Conquistada a 2.ª classe, se um ano depois não brilha no braço a insígnia de 1.ª classe, continua a ser pata-tenra.

Mas, para o Escoteiro de 2.ª classe abriram-se novos horizontes. Ele pode dedicar-se à conquista de insígnias de aptidão. Um Escoteiro que não possui qualquer insígnia de aptidão é medíocre. Por isso, é urgente que os nossos rapazes se dediquem à aprendizagem das aptidões. Para facilitar essa tarefa, e ainda atendendo um pedido que em tempo nos foi feito por um escoteiro de Faro, estamos publicando as normas destas insígnias.

No entanto, desejamos prevenir, há duas atitudes erradas no que se refere às insígnias de aptidão. Uns tomam conhecimento das provas a prestar para a conquista da insígnia e dizem: — «Isto é muito difícil. Não sei fazer». Outros examinam as provas, estudam a forma mais fácil de satisfazer as exigências, dão

(Conclui na página 14)

FALAS DE UM EX-GUIA

1.º—Correspondência entre Patrulhas

A troca de correspondência escotista é um dos trabalhos mais interessantes que uma patrulha pode realizar.

Como sabeis o escotismo tem acima de tudo, o ideal da fraternidade, quer entre rapazes do mesmo país, quer entre rapazes e raparigas de todos os países que o pratiquem.

A fraternidade mais apertada encontram-na periòdicamente uns milhares de escoteiros quando se juntam nos grandes acampamentos, nomeadamente nos Jamboris.

Mas muitos milhares não têm a oportunidade de confraternizar e nesse caso pode estar a vossa e muitas outras patrulhas.

Dou-vos hoje uma ideia, que já não é nova, é certo, mas que está um bocadinho esquecida; a das patrulhas se corresponderem umas com as outras.

— Que interesse terá a nossa patrulha de corresponder-se com outra?—perguntarão.

Conheci uma patrulha que um dia em seu conselho decidiu corresponder-se com outra. Deitadas as sortes, caiu esta a um grupo do Sul. Imediatamente essa patrulha escreveu para o tal grupo procurando por uma outra que quisesse trocar cartas, a proposta foi aceite por uma patrulha do grupo do Sul, e assim começou o intercâmbio es-

(Conclui na página 14)

Insígnias de Aptidão

ELECTRICISTA

(Sòmente para maiores de 15 anos)

Insígnias: O sinal de electricidade — uma faísca.

1) Possuir noções gerais acerca da electricidade, corrente eléctrica e suas aplicações (unidades e instrumentos de medida dínamos e motores).
2) Fazer ligações de fios eléctricos e substituir comutadores, suportes de lâmpadas e fusíveis defeituosos.
3) Construir um electro-magneto simples. Construir uma chave de Morse, com cigarra, que possa estabelecer comunicação entre duas salas.
4) Explicar a diferença entre a corrente alterna e corrente contínua.
5) Conhecer os perigos do uso impróprio dos aparelhos eléctricos domésticos e as necessárias medidas de segurança que devem ser tomadas para a sua utilização.
6) Saber como actuar em caso de electrocução.

* ● *

IDEIAS PARA OS GUIAS DE PATRULHA

TRABALHOS COM MACHADO E MADEIRAS

FORA DA SEDE

1—Visitar uma serração ou local onde cortem árvores. Bastante útil esta visita.
2—Cortar lenha para velhos e doentes (usa-se pelo Natal nas B. A.)
3—Descobrir um caseiro ou fazendeiro que consinta que a Patrulha o ajude, apanhando e serrando madeira, ou ainda aparelhando madeira e aperfeiçoando vedações, sebes, etc. (com estas ajudas pode-se obter madeira para trabalhos de pioneirismo).
4—Usando sòmente o machado e as mãos abater uma árvore e construir um abrigo natural.

Alternativa: Se não for possível cortar ou abater uma árvore, qualquer escoteiro terá ocasião de demonstrar o seu conhecimento cortando na sua propriedade particular ou então com autorização.

TRABALHOS MANUAIS

5—Fazer cabos, bainhas para machados, facas, etc.
6—Usando ramos de árvores, assim como árvores pequenas, fazer um modelo mostrando como a árvore é cortada.
7—Gravar madeiras com facas e saber afiar facas.

(Conclui na página 14)

TERTÚLIA DO DIRIGENTE

Os Dirigentes Escoteiros Portugueses carecem, sem dúvida, de uma publicação especializada onde possam ser estudados os problemas pedagógicos e a metodologia escoteira. Infelizmente, o limitado número de dirigentes escoteiros não possibilita a edição de tal revista. «Sempre Pronto», fiel ao seu programa de servir o Escotismo Nacional e no intuito de satisfazer em parte essa falta, passará a publicar, tão regularmente quanto o espaço permita, uma nova secção destinada ao estudo dos métodos e problemas ligados à missão do Escoteiro-Chefe. Gostaríamos que os nossos leitores nos ajudassem com as suas sugestões e pareceres. Agradeceríamos a colaboração literária dos Antigos Escoteiros, médicos e professores de educação física, antigos dirigentes, educadores e outros, que nos possam ajudar no propósito de auxiliar os escoteiros chefes a bem desempenhar a sua difícil missão.

Entretanto, trazemos hoje aqui uma conferência do Prof. Dr. Vítor Fontes, que contém matéria de muito interesse para o Escoteiro-Chefe, especialmente no que se refere ao uso dos jogos escoteiros como método educativo. Inserimos também um artigo do Prof. Leão de Jesus, publicado no jornal escotista brasileiro «Euclidiano». Continuaremos no futuro a transcrever outros trabalhos que possam servir o nosso objectivo.

A PSICOTECNIA E O DESPORTO

Conferência pronunciada em 1956 no Instituto Nacional de Educação Física, quando da realização das «Jornadas Médicas Desportivas», pelo Prof. Dr. Vítor Fontes, que se transcreve por especial gentileza do ilustre Autor.

O Sr. Prof. Dr. Vítor Fontes começou a sua conferência explicando as razões da sua presença naquelas «Jornadas», fez uma sentida evocação ao tempo em que era médico desportivo do «Casa Pia Atlético Clube», recordou nomes ligados a essa agremiação e disse:

Não vou demorar-me sobre a necessidade da educação física em geral, e em especial à sua importância como precioso adjuvante da terapêutica pedagógica formativa da criança e do jovem. O assunto é de todos conhecido e eu, nesta ocasião, tenho, apenas, que acentuar-lhe o justificado valor.

Referirei com mais pormenor o valor correctivo da educação física no psiquismo infantil para deduzir o seu significado no psiquismo de qualquer idade em que se exerçam práticas desportivas.

Esta acção correctiva é, hoje, uma banalidade na reeducação das chamadas crianças irregulares quer de inteligência, quer, e, sobretudo, de carácter.

A psicopatologia infantil conta, hoje, na sua terapêutica, numerosas técnicas influenciadoras, modificadoras das condutas anómalas das crianças deficientes.

Uma criança em que a atenção é notòriamente insuficiente, que não possui memória capaz para os habituais empregos desta faculdade, ou cujo raciocínio não mantém a clareza suficiente para as comparações a fazer, necessita, além de exercícios psico-sensoriais adequados os exercícios psico-motores intencionalmente estudados para agir sobre as faculdades alteradas ou diminuídas.

Além deste aspecto ligado às faculdades ditas intelectuais, um outro sector da vida mental tem de ser cuidadosamente estudado na criança para uma conveniente intervenção terapêutica. Queremos referir-nos à vida emotiva, ao seu temperamento e carácter.

Para bem aplicarmos uma terapêutica correctiva, temos que conhecer, além do nível intelectual, o que se chama o *tipo psicológico*. Definir e conhecer o temperamento, estudar o aspecto qualitativo da sua vida psíquica, é um elemento indispensável para um tratamento útil em psico-patologia infantil.

Depois de conhecermos o tipo psicológico, é que será possível escolher os exercícios físicos, tendo em conta as respectivas características.

Não temos tempo para expor o pormenor de técnicas seguidas, sua variedade e respectivo fundamento. Relembramos, apenas, que, fundadas nos princípios primeiramente expostos por Delcroze, se criaram escolas de ortopedia mental com base no ritmo individual. Em Zurique, a Sr.ª Scheiblauer criou uma técnica de educação, ou melhor, aproveitamento do ritmo individual das crianças irregulares, de provada utilidade na ortopedia mental. E citamos com toda a convicção este facto, pois nos nossos serviços, nas 32 classes especializadas que funcionam nas escolas de Lisboa e Porto, sob a orientação do Instituto Costa Ferreira, que dirigimos, empregamos, há anos, as técnicas de Scheiblauer com o melhor resultado.

Estas considerações, que posso apenas anotar brevemente nesta altura, têm por fundamento uma cuidadosíssima observação da psicologia infantil para a conveniente escolha da educação física a ministrar, aproveitando e obedecendo, de certa forma, ao ritmo individual.

(Continua na página 15)

Testes Psicológicos para seleccionar chefes

Com a devida vénia, transcrevemos do «Euclidiano», órgão do Grupo de Escoteiros do Mar Euclides da Cunha, do Distrito Federal, Brasil, este interessante artigo que nos parece conter matéria que merece ser devidamente ponderada, pelo menos no que se refere a necessidade iniludível de seleccionar chefes.

Hoje em dia, o emprego de técnicas psicológicas com intuito benéfico de seleccionar profissionais, penetrar no âmago da personalidade, sondar e analisar as zonas mais subtis do inconsciente e revelar todos os mistérios que as povoam, alguns mesmo daninhos e perniciosos, têm sido largamente usadas por instituições criteriosas, mormente aquelas que mantêm como elemento básico da sua estrutura a criança.

Não se conhece nenhuma escola psicológica que, no meio dos seus postulados, abomine, recuse por completo o conceito do meio ambiente e o conceito de imitação, que tanto irão influir na formação do carácter dos comportamentos posteriores da espécie humana.

Assim sendo, não querendo abordar pormenores a respeito desta particularidade, mais apropriada para obras de fôlego, limitamo-nos, apenas, neste pequeno artigo, a chamar a atenção das autoridades escoteiras do Brasil para a necessidade imperiosa de submeter todos os seus chefes (se possível) aos testes especiais, principalmente de personalidade, afastar do convívio das crianças aqueles que apresentem sintomas de anormalidades, e incrementar, no programa de cursos de chefes, a obrigatoriedade da submissão de tais provas psicológicas, tudo com o propósito de melhor servir, abstraindo da comunidade infantil pobres elementos, aureolados com o título pomposo de

(Conclui na página 16)

MEMÓRIAS DE TIMOR

I

Em certa manhã luminosa de Março, encontrava-se o chefe de posto Belchior na secretaria, trocando impressões com as autoridades nativas. A certa altura, falou-se de jibóias, e, então, Tchai Lavano, chefe da povoação de Poros, a mais distante do posto, declarou;

— Senhor chefe, na minha povoação vive uma jibóia muito grande. Ainda hoje, o *tamboreiro* (1) Jé Tcharuno a viu comer três leitões em seguida. Belchior ficou surpreendido, não tanto com a existência da cobra, como pela maneira indiferente como o timorense relatara o facto.

— O quê ? Vive um bicho desses na tua povoação e não me tinhas prevenido! Não compreendes que, quando a jibóia não encontrar gado, é muito capaz de devorar as crianças? Vocês sabem onde ela está?

— Sabemos, sim, senhor chefe. Vive num buraco debaixo da palhota do Jé Tcharuno. Ele já a viu bastantes vezes...

— Mas porque razão não caem vocês em cima dela e a matam?

O velho Tchi Lavano encolheu os ombros, como todo o timorense quando não lhe convém responder.

— Pois fiquem certos de que, uma destas noites, vou a Poros dar conta da jibóia — concluiu o chefe do posto. — Lembrem-se sempre de que a bicha lhes pode comer os filhos. Dois dias depois o chefe da povoação entrou na secretaria e, com o seu ar indiferente, declarou a Belchior.

— Ontem, a gente da povoação matou a jibóia. O *tamboreiro* espreitou-a à saída do buraco. Caiu sobre ela à *catanada* (2). Os outros vieram todos e... pronto. A jibóia lá está para o senhor chefe ver.

—Muito bem. Assim mesmo é que deve ser! Amanhã, irei a Poros ver a bicha.

No dia seguinte, no seu cavalinho, (em Timor os cavalos têm a corpulência dos nossos jumentos e não são ferrados, o que lhes permite trepar com a maior facilidade) o chefe do posto deslocou-se a Poros.

Lá estava a jibóia, estendida nas estacas, na praça central da povoação. Media quase seis metros de comprimento e atingia a grossura de uma coxa humana. A pele tinha listras formosíssimas. A cabeça, com as dimensões do pé de um homem, estava sulcada pelos golpes profundos da *catana* de Jé Tcharuno.

II

Passadas duas semanas, António Guterres, nativo já assimilado e que, em pequeno, frequentara a escola missionária, veio conversar com Belchior. De vez em quando, contava-lhe muitas das tradições e lendas em que é extraordinàriamente rico o povo timorense.

Dessa vez, na varanda do posto, no alto de uma colina que deitava sobre o oceano uma cor de esmeralda, de onde se avistava, além de montanhas verdejantes e praias de oiro, um colar de nove ilhas, António Guterres deu a conhecer ao chefe de posto, a lenda da lagoa de Muapitine, que ficava naquela área.

—Certo dia, há muitos, mas mesmo muitos anos, a gente de uma povoação matou a jibóia que lá vivia. A jibóia, porém, era *lulic* (3) e veio logo o castigo. A água caiu do céu durante muitos dias e muitas noites e cobriu a povoação. Toda a gente morreu afogada. As águas nunca baixaram, e assim, a aldeia onde fora morta a jibóia transformou-se na lagoa de Muapitine. E, ainda hoje, senhor chefe, quem for ao meio da logoa pode ver os prumos de algumas casas.

—Isso é apenas uma lenda, meu rapaz. — observou Belchior — E que esse tal castigo não foi tomado a sério prova-o o facto de, há quinze dias, a gente de Poros ter morto, à *catanada*, uma jibóia que andava por lá a comer-lhes a criação...

— Isso é que não, senhor chefe! —retorquiu, prontamente, o nativo. — Então, não sabe o que eles fizeram, depois da morte da jibóia?

— Não, Guterres. Algum *estilo*, (4) certamente, em homenagem à jibóia morta...

— Se fizeram *estilo* ou não, ignoro, senhor chefe. O que sei é que se lembraram da história da lagoa de Muapitine, e, logo que o senhor chefe saiu da povoação, toda a gente de lá, com medo de morrer afogada, abandonou Poros, e, durante quase uma semana, viveu no alto das montanhas. Passado esse tempo, a população, convencida de que essa jibóia não era *lulic*, regressou às suas casas.

— Essa não supunha eu — exclamou Belchior.

— Pois foi verdade. Mataram a jibóia porque o senhor chefe mandou, e eles não querem, de maneira alguma, desobedecer-lhe. Mas, como a jibóia é um animal sagrado, temeram o castigo.

E, a terminar, António Guterres declarou:

—Até os cristãos, senhor chefe, não abandonam por completo, as suas superstições seculares. Há anos faleceu o marido da *rainha* (5) de Maubara. Pois, a viúva, enquanto fazia convite para a missa na igreja da terra, convidava os gentios para um *estilo* em memória do morto. Por isso, eu, que sou um cristão como deve ser, reconheço o grande esforço que as autoridades e os missionários têm feito para nos civilizar. Ainda há cinquenta anos, os cadáveres dos timorenses aguardavam dias, semanas, e até meses e anos, que todos os parentes comparecessem para lhes dar sepultura... E, ainda em 1912, quando foi da sangrenta campanha de Manufahi, os chefes dos *arraiais* (6) fiéis perguntavam ao governador Filomeno da Câmara se podiam *cortar cabeça*, a mais alta ambição do *açu-ai*(7) timorense...

MANUEL FERREIRA

---

(1) Nativo que toca tambor nos dias de festa e, em especial, sempre que, na sede do posto, se prestam honras à Bandeira Nacional.

(2) Golpe dado com a *catana*, espécie de faca de mato, inseparável companheira do timorense.

(3) O timorense chama *lulic* a tudo que é digno de adoração. Geralmente são animais sagrados o crocodilo, a enguia, a jibóia e o curioso lagarto, chamado toqué *(Platydactilus gottutus)*. Também podem ser *lulic* uma montanha, certa rocha, determinada árvore, um rio, etc.

(4) O *estilo* é uma cerimónia gentílica feita em homenagem ao *lulic*, para conseguir melhoras numa doença, boa colheita, favorável solução num litígio, etc.

(5) Alguns régulos mais importantes ou de mais antigas tradições têm o título de *reis*. São, aliás, em muito pequeno número.

(6) Os *arraiais* eram grupos de timorenses armados, comandados por oficiais de segunda linha, também nativos, mas onde, segundo o capitão Hélio Felgas, na sua obra «Timor Português», havia sempre um ou mais oficiais europeus encarregados de coordenar a sua acção, de verificar as suas baixas, de aconselhar os seus chefes e, mesmo, de os dirigir e acompanhar na acção.

(7) Palavra que significava *valente*. Só era considerado *açu-ai* o guerreiro que conseguisse cortar a cabeça ao inimigo vencido.

Os nossos contos

(Conclusão da página 6)

na. Ainda pôde ver coroada a obra para a qual tanto concorrera. Caldas Xavier faleceu em Lourenço Marques, em 8 de Janeiro de 1896. E à entrada do cemitério de S. Francisco Xavier, naquela cidade, em frente do túmulo onde repousa também outro herói de Marracuene, o capitão Roque de Aguiar, descansa esse militar brioso e valente que em vida se chamou Alfredo Augusto Caldas Xavier...

MANUEL FERREIRA

PROVAS DE 1.ª CLASSE

METEOROLOGIA

POR E. R.

16 — Noções elementares sobre a previsão do tempo.

A Meteorologia é a parte da Física que trata dos fenómenos atmosféricos. Claro, o Escoteiro não é um técnico de meteorologia, a não ser que para essa especialidade tenha feito os estudos devidos. Todo o Escoteiro, porém, conhece algumas regras da previsão do tempo, ciência que faz parte da Meteorologia.

Os meteorologistas, para poderem estabelecer as previsões com alguns dias de antecedência, dispõem de informações respeitantes à mesma hora, em grandes e distantes regiões que lhes são comunicadas através da rádio. O Escoteiro, como não dispõe de tais informações nem das técnicas especializadas, limita as suas previsões a algumas horas ou, quando muito, um dia apenas. Esta sua habilidade, apurada com a experiência proporcionada pela prática do campo, ser-lhe-á muito útil nas actividades do ar livre.

TEMPERATURA

Temperatura é o estado de calor do ar do ponto de vista da sua acção sobre os nossos corpos. A temperatura atmosférica mede-se com o auxílio de instrumentos chamados TERMÓMETROS. Podemos dispôr de duas espécies de termómetros: *de mercúrio* e *de álcool*, sendo os primeiros de maior precisão. Diversos factores contribuem para as variações de temperatura, principalmente a inclinação dos raios solares, a humidade atmosférica, a natureza do solo e o afastamento ou a proximidade do mar. A temperatura média do ar diminui com a altitude numa razão de 0,6° a 0,8° por 100 metros, mas esta cifra é muito hipotética.

Há um termómetro de máximo-mínimo, que assinala as temperaturas extremas em cada dia, indicação muito útil para as previsões.

Devemos saber que uma subida brusca de temperatura indica a chegada da *depressão* e, portanto, do mau tempo. A queda da temperatura é indício do regresso do bom tempo. Explicaremos o que é uma *depressão*, quando falarmos de pressões atmosféricas.

PRESSÃO ATMOSFÉRICA

A terra encontra-se envolvida por uma camada de ar, a que chamamos *atmosfera*, de 10 a 15 Km. de espessura. Esta camada chama-se *troposfera*. A camada superior a esta é intitulada *estratosfera* e não contém ar senão muito rarefeito. Devemos, no entanto, observar que estes conhecimentos se encontram em evolução em virtude dos recentes estudos empreendidos pelos cientistas através das experiências feitas com os satélites artificiais, especialmente no que se refere à estratosfera.

A atmosfera, sendo matéria, está naturalmente sujeita à acção da *lei da gravidade*. Como sabeis, a gravidade é a força que a Terra exerce sobre os corpos atraindo-os para o seu centro. E por influência desta força que os corpos têm peso. A camada de ar imprime, pois, sobre a Terra determinado peso ou seja a *pressão atmosférica*. Indica-se a pressão atmosférica pelo peso que uma coluna de ar de 10 Km. de altura exerce sobre 1 cm2 da superfície da Terra. Este peso é cerca de 1,033 kg.

O peso desta coluna de ar é variável, porque a temperatura aquecendo o ar fá-lo dilatar e diminuir de peso. Pelo contrário, se o ar arrefece a camada contrai-se e o peso aumenta. Diz-se no primeiro caso que a pressão *baixou*, e que *subiu* no segundo. A observação destas diferenças da pressão atmosférica, permite-nos conhecer os fenómenos que se passam nas altas camadas de ar, elementos muito úteis para a previsão do tempo.

O instrumento que serve para medir a pressão atmosférica chama-se BARÓMETRO. Há dois tipos de barómetros: de *mercúrio* e *aneroides*. Os primeiros são os mais exactos e mediante eles a pressão é avaliada pela altura da coluna de mercúrio que a equilibra. Os segundos são constituídos por uma caixa metálica, cilíndrica, na qual foi feito o vácuo. A base do cilindro, formada por lâminas delgadas e pregueadas, desce ou sobe, em conformidade com a pressão atmosférica, imprimindo movimento a uma agulha que se desloca num mostrador graduado. A escala indicada pela agulha é referida à pressão ou seja à altura de uma coluna de mercúrio de um termómetro normal, indicada em milímetros. Modernamente, a pressão atmosférica é medida em *milibares*. A pressão de 1 mb. equivale à pressão de 1g/cm2.

Em milímetros de mercúrio, 1 mb. (milibar) é igual a 4/3 de milímetro. A pressão média ao nível do mar corresponde a 760 mm. de mercúrio, que equivale a 1.013, 3 mb, pois 760 x 4/3 = 1.013,3 mb.

Ler um barómetro significa verificar se ele *baixa* no caso de *mau tempo* e se sobe no caso de *bom tempo*.

Para que possamos conhecer as pressões atmosféricas, necessitamos de distinguir as seguintes regiões:

Depressão, em que o barómetro se encontra baixo e é designada por «*ciclones*», correspondendo quase sempre ao mau tempo;

De máximo, designada por «*anti-ciclones*» e que corresponde ao bom tempo.

Devemos, no entanto, saber que as observações barométricas não nos proporcionam conclusões infalíveis acerca do estado do tempo. Poderemos conseguir previsões mais seguras se conjugarmos estas observações com outras.

Há barómetros que possuem uma haste que segura uma pena que vai marcando num gráfico as sucessivas subidas e descidas de pressão, proporcionando um excelente auxílio para uma melhor compreensão das modificações do tempo.

Convém fixar o seguinte quadro:

Altura barométrica firme indica tempo firme;

Altura barométrica acima do nível médio indica ventos do polo próximo;

Altura barométrica abaixo do nível médio indica ventos do polo afastado.

VENTOS

As variações de temperatura constituem as principais causas do movimento do ar e, portanto, do vento. Quando uma massa de ar é sujeita a uma temperatura quente sobe, provocando por consequência a descida de uma massa de ar frio. Como a Terra não é igualmente aquecida pelo Sol, apresenta regiões de diferentes temperaturas: Zona tórrida, zonas temperadas e zonas glaciais.

Ventos gerais

A zona tórrida, proximidade do Equador, exerce uma forte acção sobre o ar, aquecendo o, originando um movimento ascensional. Imediatamente as grandes massas de ar das zonas mais frias vêm ocupar o lugar deste, provocando as grandes correntes de ar e, portanto, o vento. Estes ventos pertencem ao grupo dos *gerais* ou *regulares*, e chamam-se *ventos alíseos*. No entanto, o movimento destas massas de ar não se dá, como poderia parecer, pelos princípios enunciados, rigorosamente dos polos para o Equador em linha recta. O movimento de rotação da Terra opera um desvio das correntes de ar no sentido dos paralelos, originando um movimento em espiral das camadas superiores da troposfera, na direcção do polo, movimento este que corresponde a outro nas camadas inferiores, igualmente em espiral, na direcção do Equador.

Ventos periódicos

O movimento regular dos ventos alíseos é muitas vezes alterado pelas anomalias das temperaturas nos continentes, originando diferenças de pressão que dão origem a *ventos periódicos* ou *monsões*.

Ventos locais

Os relevos montanhosos não só podem alterar as características dos ventos regulares, mas dão origem, também, a ventos locais, que se tornam muito regulares, sendo mesmo a sua regularidade um sinal de bom tempo.

Durante o dia, os cumes são mais quentes que os vales. De noite, os vales conservam o seu calor e os cumes estão mais frios. Estas diferenças de temperatura originam correntes atmosféricas conhecidas por *brisas da montanha* ou *do vale*. Depois do pôr do sol, começa geralmente a brisa da montanha. O vento frio desce da montanha, cessando a sua actividade pela manhã. De manhã, o vento do vale sobe para a montanha, aumenta de intensidade durante a tarde e cessa ao pôr do Sol. Esta é uma brisa quente e húmida, que transporta para os cumes núvens que engrossam insensìvelmente e acabam por esconder o cume. Logo que a corrente ascensional termina, as núvens dissipam-se por influência da brisa da montanha, vento frio e seco.

Quando esta regularidade é afectada, pode prever-se mudança de tempo.

Sucede fenómeno semelhante entre a terra e o mar, originando as *brisas marítimas*. A beira mar poder-se-á verificar que de noite a terra é mais fria do que o mar, enquanto que de dia se dá o contrário. Durante o dia, o ar aquecendo em contacto com a terra sobe e, portanto, dá origem a uma brisa de ar marítimo mais fresco que vem ocupar o lugar do ar que subiu. Geralmente, esta brisa marítima é sensível até 500 m. de altitude e 20 a 40 Km. para o interior da terra. Este vento só raramente atinge velocidade superior a 4 ou 5 m. por segundo. A brisa sente-se mais por volta das 3 horas da tarde.

À noite, a brisa de terra é menos sensível pois as diferenças de temperatura são menos acentuadas.

(Continua na página 12)

METEOROLOGIA

(Continuação da página 11)

A direcção do vento observa-se com o auxílio de um *catavento*. A sua velocidade com a ajuda de um *anemómetro*. Os escoteiros podem obter fàcilmente um catavento muito simples mas eficiente. Uma espécie de saco de café colocado na ponta de uma vara, semelhante àqueles usados nos campos de aviação. No entanto, convém sempre desconfiar das direcções obtidas à superfície da terra, pois muitas vezes são correntes desviadas pelos acidentes do terreno.

Em Portugal, o vento que traz chuva é o que vem do Sul ou do Sudoeste. O vento N.E. é alíseo regular, só se regista quando o tempo está bom. Quando o tempo volta de N. para S. traz chuva. Para voltar o bom tempo, o vento torna para o Norte. A marcha normal do vento é: N. — NO. — O. — SO.— S. — SO. — O. — NO. — N.

Se depois do mau tempo o vento volta ao Norte, teremos bom tempo. Se chega até a Oeste sòmente, é possível que o tempo se segure, mas se volta a Sudoeste, então, é certo que a chuva continuará.

Com o vento SO. é normal que o barómetro baixe e com o vento NO. o barómetro deve subir. Qualquer alteração nesta regularidade deve ser registada, porque pode ser sintoma de melhoria do tempo, no primeiro caso, ou de nova depressão, no segundo.

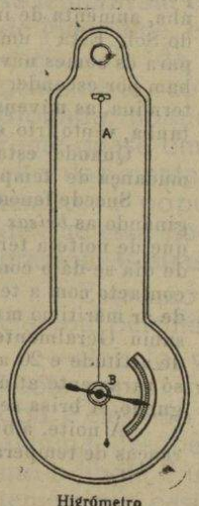
Escala Beaufort para determinação da velocidade do vento

N.º da escala	NOME	ESPECIFICAÇÃO	MILHAS P. H.
0	Calma	O fumo sobe verticalmente..	Menos de 1
1	Ar leve	A direcção pode ser observada pelo fumo, mas não pelo catavento.....	1 a 3
2	Brisa leve	O vento sente-se no rosto e as folham balançam.....	4 a 7
3	Brisa	Movem-se constantemente as folhas e galhos pequenos. As bandeiras pequenas são estendidas.....	8 a 11
4	Brisa moderada	A poeira e os papéis pequenos levantam-se. Os galhos regulares das árvores movem-se	12 a 16
5	Brisa fresca	Os arbustos pequenos movimentam-se	17 a 22
6	Brisa forte	Os galhos grossos movem-se. Os fios telegráficos sibilam.....	23 a 27
7	Vento moderado	Árvores inteiras movimentam-se.....	28 a 34
8	Vento forte	Galhos de árvores quebram-se. Torna-se difícil andar...	35 a 41
9	Vento muito forte	Pequenas destruições de casas. Caem chaminés e telhas	42 a 48
10	Temporal	Árvores arrancadas pela raiz. Grandes estragos nas casas.....	49 a 56
11	Tempestade	Estragos grandes e generalizados	57 a 67
12	Furacão	.....	Mais de 68

HUMIDADE

Chama-se *humidade atmosférica* à quantidade de vapor de água contida no ar. Mede-se com o auxílio de um aparelho chamado HIGRÓMETRO. O higrómetro de cabelo é um aparelho muito simples e ao mesmo tempo de construção muito fácil. É constituído por uma crina de animal ou por um cabelo comprido (o aparelho será tanto mais sensível quanto mais longo for o cabelo), que, prèviamente desengordurado, se fixa na extremidade de um rectângulo de madeira. Leva-se a outra extremidade do cabelo a um eixo, ao qual dará uma volta completa, que faça accionar uma agulha, ambos construídos de material muito leve cortado de uma folha de alumínio. A outra ponta deixa-se solta, mantendo-se esticada pelo peso de qualquer peça de metal ou porcelana.

O cabelo alonga-se no ar húmido e encolhe no ar seco, accionando assim a agulha. Devemos graduar o higrómetro estabelecendo uma tabela no quadro percorrido pela agulha. Para isso, podemos comparar o aparelho construído com outro já graduado ou, então, procederemos nós à graduação. Basta para isso meter o higrómetro sob uma campânula de vidro ou noutro qualquer vaso isolado no qual se possa obter uma temperatura completamente seca. Consegue-se isso metendo dentro dessa campânula, hermèticamente fechada, um pouco de cal viva, que tem a propriedade de absorver a humidade. No ponto atingido pela agulha em tal ambiente marca-se ZERO.



Higrómetro

Admite-se depois o higrómetro a nova operação. Pode ser submetido a um ambiente de denso nevoeiro, aproximar do cabelo, algodão ou linhas molhadas, ou ainda metê-lo numa campânula que tenha sido cheia de vapor de água. No ponto máximo alcançado pela agulha marca-se 100. Para se estabelecer o quadro, basta dividi-lo em escala decimal a iguais distâncias.

A tábua abaixo dá-nos o grau de humidade do ar:

Grados do Higrómetro	Percentagens de Humidade	Grados do Higrómetro	Percentagens de Humidade
0	0	60	36
10	7	70	47
20	12	80	61
25	15	90	76
40	24	100	100
50	28		

O conhecimento da percentagem de humidade atmosférica proporciona-nos um meio bastante eficaz de prever o tempo. A humidade absorve o calor do ar ambiente, provocando o seu arrefecimento. A evaporação produz frio.

Quanto maior humidade assinalar o higrómetro mais probabilidades haverá de que possa chover. Quando o calor sobe muito e há muita humidade no ar, provoca uma condensação e temos chuva.

A humidade influi directamente na temperatura.

A água ao evaporar-se absorve calor do ar ambiente, portanto, arrefece o ar. A evaporação produz frio.

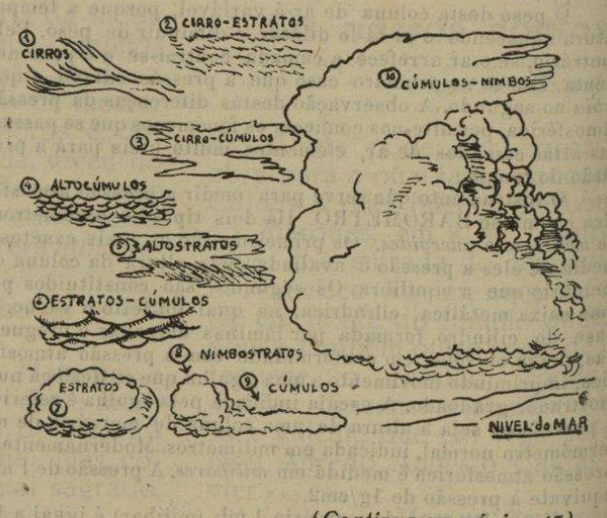
Dispomos ainda de alguns indícios interessantes pelos quais poderemos calcular se existe muita humidade atmosférica. Por exemplo: Se o fumo das fábricas ou das locomotivas se evola fàcilmente, o ar está seco. Mas se parece pesado, fica baixo e espesso, há muita humidade atmosférica e fortes probabilidades de mau tempo.

Se há muita visibilidade, os montes e as aldeias distantes parecem mais próximas, é sinal de humidade. Choveu recentemente ou está para chover.

NÚVENS

As núvens são constituídas pela condensação do vapor de água contido na atmosfera. Como estas apresentam aspectos variados em consequência das condições atmosféricas, a sua observação reveste-se da maior importância para elaborar as previsões de tempo.

Para melhor podermos compreender a importância destas observações, deveremos conhecer a classificação das núvens e sermos capazes de as identificar.



(Continua na página 13)

METEOROLOGIA

(Continuação na página 12)

TIPOS DE NÚVENS

O facto do firmamento se encontrar quase inteiramente nublado, não significa que vá chover. Nem todas as núvens são prenúncio de chuva, por esse motivo importa saber distingui-las.

CÚMULOS — Esta palavra é de origem latina e significa *monte*, *montão*. Este tipo de núvem é bem conhecido e destaca-se muitas vezes nas fotografias e desenhos. Têm geralmente a parte superior arredondada e a inferior plana, parecendo blocos de algodão em rama. Apresentam-se em grandes massas, mostrando uma parte muito branca e outra sombria.

CIRROS — A palavra vem do latim com a significação de *cabelos*.

São núvens diáfanas, filamentosas, parecendo rendas, cabelos ou rabos de cavalo. A sua temperatura é de 40 a 70° abaixo de zero.

ESTRATOS — A palavra vem do latim com o significado de *cama*. São núvens baixas, de faixas longas, formando um véu contínuo, acinzentado, sem contornos determinados. Podem dar nevoeiros, mas não chuva.

NIMBOS — Palavra que vem do latim *nimbus*. São inconfundíveis. São as núvens negras, espessas, sem formas definidas, bordos esfarrapados. Aparecem quase sempre combinadas com outros tipos.

* * *

Podemos ainda classificar as núvens em quatro grupos principais:

A — ALTAS: constituídas por cristais de gelo; 6.000 a 10.000 m. de altura.

B — MÉDIAS: constituídas por gotas de água; 2.000 a 6.000 m. de altura.

C — BAIXAS: constituídas por gotas de água; 0 a 2.000 m. de altura.

D — DESENVOLVIMENTO VERTICAL: constituídas por gotas de água e cristais de gelo; base desde 500 m., cimo até 9.000 m. de altura.

GRUPO A

1 — Cirros
2 — Cirro-estratos
3 — Cirro-cúmulos

GRUPO B

4 — Alto-cúmulos
5 — Alto-estratos

GRUPO C

6 — Estratos-cúmulos
7 — Estratos
8 — Nimbos-estratos

GRUPO D

9 — Cúmulos
10 — Cúmulos-nimbos

GRUPO A — O primeiro grupo citado é também conhecido por *núvens superiores*. Começam pelo prefixo «cirro». Como estas núvens são formadas por finas agulhas de gelo e só ocorrem nas grandes altitudes, o prefixo cirro indica sobretudo a altitude. Aparecem combinadas com um véu de estratos — *cirro-estratos* — ou com massas de cúmulos — *cirro-cúmulos* —. A sua presença no céu claro é indício de aproximação de uma depressão barométrica, prenúncio de chuvas. Após um período de chuvas, se permanecem isoladas, indicam o regresso do bom tempo. Não se precipitam.

GRUPO B — É conhecido por *núvens médias*. O prefixo «alto» indica a altitude 2.000 a 6.000 m. São constituídas pelas *cúmulos*, produzidas pela paragem e expansão de uma corrente de ar ascendente quente. Desenvolvem-se da parte da tarde, sobre as montanhas e à beira-mar, bem como nas regiões equatoriais e tropicais. Não cobrem o céu por completo, não trazem chuva, e dissipam-se geralmente ao fim do dia, quando cessa o movimento do ar ascendente.

As núvens *estratos* encontram-se a diversas altitudes e surgem associadas a todos os tipos de núvens. É uma espécie de nevoeiro alto, formado em contacto com correntes de temperatura, humidade, velocidade ou direcções diferentes. Não trazem chuva.

GRUPO C — É conhecido por *núvens inferiores*. Quando é formado por estratos baixos, é um nevoeiro resultante do contacto com o solo, produzido pela radiação em período de calma e de altas pressões barométricas. Aparecem geralmente de manhã e dissipam-se antes do meio dia. São sinal de calor.

GRUPO D — Este grupo de núvens forma-se verticalmente de 500 m. a 6.000 ou até mesmo 9.000 m. O nimbo é uma forma de núvens baixas, que dá ràpidamente chuva. Associado aos cúmulos atinge então as referidas altitudes, surgindo-nos com o aspecto magestoso de grandes montanhas de núvens. Trazem as grandes trovoadas e chuvas. Os cúmulos-nimbos espessos, que atingem grandes altitudes, provocam precipitações de granizo e originam tempestades.

* * *

Revendo estas indicações podemos resumir: As cúmulos parecem ser núvens decorativas, não nos proporcionam grandes elementos para a previsão do tempo. Já o mesmo não sucede com os cirros que são as mais importantes para este efeito. Elas comandam a formatura de núvens que surge sempre na mesma ordem e acabam sempre em chuva. A velocidade dos cirros indica a duração da chuva; esta será tanto mais demorada quanto mais vagarosa for a deslocação.

A função dos cirros, que como já sabemos são constituídos por cristais de gelo, é a mesma de um vidro frio que se coloque acima do vapor de água que saia de uma cafeteira. Condensa o vapor de água e este cai em gotas. Assim procedem os cirros com a humidade da atmosfera.

Também a temperatura é influenciada pelas núvens. Estas isolam a terra da atmosfera mais fria. As muito baixas temperaturas só surgem com o firmamento limpo de núvens.

* * *

De posse de todos estes conhecimentos sobre Meteorologia, o Escoteiro deve criar um pequeno posto a fim de registar todas as observações possíveis para permitir estabelecer as suas previsões. Convém fazer três observações diárias: De manhã após o nascer do Sol, ao meio dia e antes do pôr do Sol.

O posto deve dispor de um termómetro, de um barómetro, de um higrómetro e de um catavento. As observações serão registadas numa folha diária, na qual poderão ser feitas colunas apropriadas. Interessante também estabelecer gráficos que permitam uma observação rápida das diferenças de temperatura, de pressão, etc.

Pela prática destas observações, através da experiência obtida nas previsões do tempo, que permitirá corrigir as observações feitas, o Escoteiro poderá chegar a ser capaz de fazer previsões com bastante segurança.

Alguns conhecimentos da natureza podem também ajudar nas previsões:

Céu — Um céu azul brilhante e límpido, rosado ao sol posto, pálido e cinzento de manhã, anuncia bom tempo.

Um céu simplesmente amarelo pela manhã e vermelho à tarde anuncia vento. Tanto ao nascer como ao pôr do Sol um céu muito colorido (vermelho cobre, ou vermelho sangue ou ainda amarelo) por detrás de estratos, anuncia chuva brevemente.

Temperatura — O frio é sinal de bom tempo. Se à tarde o solo está mais frio do que o ar, poderá provocar condensações que conduzam à formação de núvens, sendo de recear tempo de chuva. Se o ar está mais frio do que o solo, teremos tempo claro, sem núvens.

Pressão — Se o barómetro baixa, indica-nos a aproximação de uma depressão. Se sobe, geralmente volta o bom tempo. Uma baixa considerável e rápida indica a aproximação de mau tempo. Mas se baixa lentamente e pouco, é natural que o tempo se mantenha. Se após uma baixa volta a subir muito ràpidamente, devemos recear uma nova depressão.

Estrelas — Pequenas, com poucas cintilações, são sinal de bom tempo.

Céu limpo e estrelas obscurecidas, cintilando muito, indicam aproximação de chuva.

Nevoeiro — Baixo pela manhã, dissipando-se ràpidamente, sinal de bom tempo. Nevoeiro depois do mau tempo, fim da tormenta.

Nevoeiro alto e espesso, cobrindo o cimo das montanhas, enquanto os vales e as planícies permanecem límpidas, é sinal de chuva. O mesmo sucede quando o nevoeiro se forma sob o Sol.

Núvens duras, compactas, arredondadas ou esfarrapadas, são sinal de vento.

Lua — Brilhante, de bordos nítidos, sinal de bom tempo.

Pálida, de bordos pouco nítidos, rodeada de coroa ou halo, sinal de chuva. Se a coroa está perto da lua, a chuva vem longe. Se se dá o contrário, a chuva vem perto.

Vermelha ao nascer é sinal de vento.

Relâmpagos — Se brilham em horizonte puro é sinal de tempo quente.

(Conclui na página 16)

O que faremos com as insígnias de aptidão

(Conclusão da página 8)

uma vista de olhos por qualquer manual, pedem uma breve explicação e preparam-se para *passar*. De posse da insígnia nunca mais pensam no assunto.

As duas atitudes são erradas. Os primeiros mostram pouca força de vontade e nenhuma iniciativa. Todo o Escoteiro tem aptidões. Há que procurar aquelas em que tenha mais interesse, mais gosto, mais vocação. Depois é necessário preparar-se para se instruir. Há sempre um parente, um amigo, um antigo-escoteiro pronto a auxiliar. Conquistada a aptidão, o escoteiro deve dedicar-se à especialidade obtida. Fazer dela o seu passa-tempo, o amadorismo. Seria de estranhar que um Filatelista não fizesse colecção de selos, um Meteorologista não fizesse previsões de tempo, um Intérprete não falasse a língua respectiva, etc. Além disso, nunca sabemos a utilidade que tais amadorismos podem ainda ter. Muitas vezes os conhecimentos assim obtidos tornam-se, em certas ocasiões da vida, verdadeiramente preciosos.

Ainda agora Portugal conquistou um prémio muito honroso no Terceiro Concurso Internacional de Música. O 2.º prémio de conjuntos filarmónicos, disputado entre cerca de 200 grupos musicais de 25 países, foi ganho pela banda do Montijo. É necessário, porém, dizer-se que o herói desse esforço foi um antigo-escoteiro. António Gonçalves, maestro daquela banda, lutou com admirável tenacidade, para conseguir a representação de Portugal, preparou artisticamente os membros da filarmónica e arrebatou aquele prémio. O que talvez poucos saberão, é que aquele músico de rara sensibilidade começou a sua carreira no grupo de Escoteiros n.º 1, aproveitando um flautim deixado por um grupo britânico que nos visitou, talvez com o intuito de tirar a respectiva insígnia de aptidão.

Escusado será dizer que os *caçadores* de insígnias, aqueles que procuram apenas *passar* nas provas, não merecem a insígnia que usam no braço. Não queiras ser desses, meu caro Escoteiro.

• • o • •

JOSÉ EDUARDO PENA RIBEIRO

A bordo do «Highland Brigade», regressa no dia 8 de Outubro corrente a Lisboa, este nosso dedicado colaborador e filho do Director do «Sempre Pronto», que esteve em Inglaterra desde fins de Julho passado, onde, sob o patrocínio da direcção da A. E. P., tirou, com brilho, as provas técnicas do Curso da Insígnia de Madeira do Gilwell-Park.

FALAS DE UM EX-GUIA

(Conclusão da página 8)

cotista entre as duas patrulhas bastante distantes.

Os proveitos que se seguiram desse intercâmbio foram muitos, além dos elementos das patrulhas se identificarem em todos os pormenores trocando as fotografias, dizendo quais os seus cargos, profissões, idades etc., trocarem os escalpes de patrulha para os galhardetes, começaram a surgir, como por encanto, concursos escotistas, exercícios práticos e teóricos, permuta de selos, insígnias, jogos, relatórios de actividades, teatro para fogos de conselho, enfim uma série de maravilhas que trouxe entusiasmadas as duas patrulhas durante bastante tempo.

O espírito de camaradagem criado pela troca de cartas foi culminado, quando alguns escoteiros das ditas patrulhas se conseguiram conhecer e abraçar pessoalmente.

Numa patrulha em que haja um escoteiro que saiba uma língua estrangeira, deve corresponder-se com outro do país de que esse escoteiro conhece a língua.

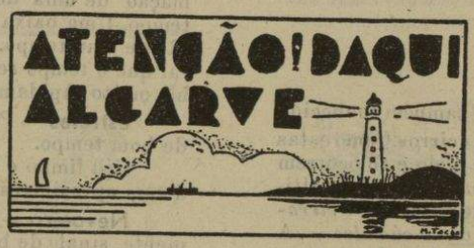
Por este meio, podereis conhecer melhor a geografia desse país, a flora, a história, os seus costumes, como se pratica e marcha o escotismo por lá e também, como é óbvio, lançar laços de amizade para mais longe, contribuindo ainda mais para a união dos escoteiros de todo mundo.

É também bom hábito que cada um dos escoteiros da nossa patrulha tenha um correspondente quer em Portugal, quer no estrangeiro.

Portanto, amigos, mãos à obra. Vão já tratar de arranjar uma patrulha correspondente e pôr em prática as ideias expostas.

BOA CAÇA
PATA DE LOBO

• • o • •



GRUPO N.º 77 — FARO

Esta unidade dos Escoteiros de Portugal comemorou o 30.º aniversário da sua fundação, em 10 de Junho passado, realizando um almoço de confraternização no qual participaram antigos e actuais escoteiros. tendo, nessa ocasião, prestado compromisso de honra o novo escoteiro Mário João Rosa Ribeiro.

O Grupo acampou nos dias 12 e 13 de Julho passado, nos pinheiros da Arábia, fazendo um interessante exercício de primeiros socorros conjugado com transmissões de homográfico. — *C*

CAMPANHA DE ASSINATURAS «Centenário de Baden-Powell»

Conforme anunciámos, realizou-se no dia 29 de Julho passado, na sede da «Fraternal», o sorteio do Grande Prémio, viagem a Madrid, desta campanha de assinaturas.

Alguns amigos dedicados do «Sempre Pronto» quiseram aproveitar este ensejo para, uma vez mais, manifestarem a sua simpatia ao nosso mensário, tendo assistido a este acto os srs. Eduardo Quintino Pinheiro, Ernesto Clímaco do Nascimento, José Dionísio dos Santos, da Direcção da Fraternal; José Manuel Miranda de Melo, António Xavier de Brito, Mário Gonçalves, e D. Júlia Ribeiro.

Ao acto presidiu o Administrador do «Sempre Pronto», que deu esclarecimentos acerca da forma criteriosa como o concurso tinha sido organizado, informando, que de harmonia com as condições da campanha, o sorteio seria feito na base de 500 números, muito embora só tivessem sido distribuídas 148 senhas. Se o prémio saísse — como saiu — em número superior a 148, a importância deste prémio seria destinada a novo concurso a organizar oportunamente.

Com a assistência de todos os presentes, os números foram retirados pelo lobito Ruí Horácio Macedo, filho do nosso Administrador, tendo o prémio saído no número 416.

O sr. Eduardo Quintino, vice-presidente da Direcção da Fraternal, aproveitou a oportunidade para agradecer ter sido aquela sede escolhida para aquele acto e afirmou que a Fraternal tinha o maior interesse pelo «Sempre Pronto» e que procuraria sempre cooperar com ele. O sr. Xavier de Brito, um antigo escoteiro fundador do Grupo 2 e um velho amigo do nosso jornal, afirmou também o seu muito apreço e simpatia pela obra realizada pelo «Sempre Pronto».

O nosso Administrador agradeceu as palavras amigas dirigidas e a amável cedência da sede da Fraternal. O nosso Director expressou também a sua satisfação e agradecimento pelas manifestações de carinho dispensadas.

* * *

A Administração do nosso jornal está projectando um novo Concurso de Assinaturas, envolvendo, talvez, outros aspectos. Gostaríamos de receber sugestões dos nossos estimados leitores acerca da organização do novo Concurso, pois gostaríamos de lançar uma iniciativa que pudesse despertar real interesse. Quem nos ajuda com ideias originais?

IDEIAS PARA OS GUIAS DE PATRULHA

(Conclusão da pág. 8)

8 — Fazer um «Machado de Pedra» usado pelos homens primitivos.
Variação: Fazer um machado modelo, com letreiros nas diferentes partes.

DIVERSOS :

9 — Na caverna da Patrulha ter cepos para bancos, serras e pedras de amolar e praticar serrando bancos e afiando e amolando machados e facas na reunião da Patrulha.
Alternativa: Fazer um quadro com as Principais Regras de Segurança. Desenhar, cada escoteiro, um machado e nomear de memória as suas partes.

Adaptado do opúsculo «400 Ideas for Patrol Leaders».

A PSICOTECNIA E O DESPORTO

(Continuação da página 9)

Nos nossos serviços, na organização e realização dos jogos educativos e recreios condicionados, temos que conhecer bem o tipo psicológico da criança, para lhe darmos uma tarefa de acordo com a psicologia que lhe é própria. Quando organizamos um conto-jogo, ou um recreio, não vamos pôr um instável numa situação parada, nem um apático num posto em que a iniciativa seja a faculdade mais posta à prova, nem um tímido de chefe, ou um agressivo na situação de dominado.

Ao instável damos um papel em que a missão lúcida se exerça em situações variadas; o apático aguardará com calma a realização do que lhe compete fazer e, em regra, dependente de um estímulo que preceda a execução da ordem a dar. Não sujeitaremos um tímido a uma atitude resolutiva, mas a uma acção limitada e que se mostre imediatamente confiante; colocaremos no lugar de chefe um espírito autoritário, e o agressivo exercerá a sua missão, prendendo, castigando, dominando pela força o companheiro de jogo.

O que acabamos de dizer poderá parecer, a quem não é técnico destes assuntos, que o nosso procedimento, tal como o acabamos de expor, longe de ter um efeito educativo, só agravará, exacerbará as características da criança que procuramos recuperar.

Mas é preciso ter-se como certo que *educar* não é *contrariar*. O conceito educativo de *correcção* não é a oposição à forma psicológica do educando, mas sim o aproveitamento das suas faculdades próprias e das suas características psicológicas, valorizando-as e conduzindo-as no sentido da sua utilidade educativa.

O combate sistemático às características basilares da personalidade, não só é inútil por improficuo, como desadapta o indivíduo ao meio. E na organização social há situações em que é tão necessário um indivíduo de carácter violento, como o de uma extrema ponderação; se o ciclóide realiza o perfeito tipo do bom propagandista da ideia a espalhar, o esquizóide utiliza a reserva das suas atitudes na concentração do espírito e na demorada e rica elaboração mental.

Evidentemente que nós podemos usar, e usamos, determinados exercícios para dominar certas tendências caracterológicas. Assim, por exemplo, os exercícios de auto-domínio moderam o precipitado; os de reacções rápidas e decisivas exercitam a vontade do apático, etc. Mas se estas normas educativas são de usar na devida conta, não se pode perder de vista que há que respeitar a característica psicológica dominante do indivíduo, exercitando-a no que lhe é mais indicado consoante a sua personalidade.

* * *

Do que acabamos de expor, deduz-se uma regra aplicável à escolha dos desportistas e atletas.

Torna-se indispensável conhecer o tipo psicológico dos candidatos a atletas, se quisermos conseguir uma perfeita organização desportiva. Não se trata, apenas, de averiguar a capacidade física por processos hoje conhecidos e usados rotineiramente. É indispensável que, a esse exame físico, se juntem os dados obtidos pelos meios psicotécnicos que nos permitam apreciar as concomitantes condições psíquicas, não só da inteligência, mas e principalmente, afectivas, temperamentais, emotivas, do candidato a atleta. E são, sobretudo, essas qualidades que o levam a ganhar os campeonatos.

Os técnicos do desporto sabem que as vitórias se ganham por circunstâncias mínimas; chega-se a campeão de saltos por saltar mais meio centímetro, ganha-se uma corrida de cavalos «por meia cabeça», um gesto feito meio segundo antes da devida oportunidade, deixa entrar uma bola nas balizas, a maior velocidade de uns décimos de segundo imprimida a um florete, torna uma estocada inútil. De facto, quando temos um grupo de atletas em perfeita «forma», eles aproximam-se bastante nos resultados das suas práticas desportivas, e na ocasião do campeonato, o êxito é, apenas, condicionado por uma diferença muito diminuta. Ora esses mínimos resultam, em grande parte, do tipo psicológico do indivíduo que executa o exercício. É a calma de um guarda-redes que, muitas vezes, evita a marcação de um golo; é a impetuosidade de um avançado que arranca a bola dos pés de um adversário; é a resistência estática de um atleta que o leva a levantar nos braços mais umas centenas de gramas num alter; é a prontidão, é o chamado «golpe de vista», uma das qualidades mais úteis de um esgrimista; é a sensibilidade coordenada dos mínimos movimentos que permite a um volante

(Conclui na página 16)

Cascas de Laranja

O Sr. General Ferreira Martins quis ter a gentileza de nos honrar com palavras de muito apreço para o Escotismo e para «Sempre Pronto», a propósito do editorial do nosso penúltimo número. E como a propósito tece considerações de muito interesse, pedimos licença para as transcrever:

25 de Julho de 1958

«Permita-me que felicite o «Sempre Pronto» pelo seu artigo de fundo «Cascas de Laranja», publicado no número do corrente mês.

«Sou um velho octogenário, mas, porque não tenho carro próprio, ando muito a pé, hábito a que atribuo, em parte, a minha longevidade. Mas ando, normalmente, de olhos no chão, exactamente para evitar não só as cascas de laranja, como os escarros que abundam por essas ruas.

«As cascas de laranja, afasto-as com o bico do sapato, como fazem os escoteiros na sua humanitária missão (assim pudéssemos afastar as «cascas de laranja» simbólicas, que por vezes nos são lançadas pela vida fora...).

«Mas os escarros tão perigosos quanto nojentos, somos nós que temos de nos afastar deles, para evitar uma escorregadela que pode ter graves consequências. E continuamos tristes, cabisbaixos, à espreita, não vá aparecer outro escorregadiço... Vá lá convencer o portuguesinho de que não deve escarrar nem deitar cascas no meio da rua! E não é só o iletrado, é também muito «de gravata ao pescoço».

«Bem hajam os Escoteiros, e não arrefeça o «Sempre Pronto» na sua campanha civilizadora!»

(...)

a) General Ferreira Martins

Agradecemos as palavras tão judiciosas do nosso bom Amigo e leitor, palavras que recomendamos à meditação de todos os Escoteiros. Fala-nos um Português ilustre e as suas palavras merecem ser escutadas. Lancemos nós, Escoteiros, uma campanha educativa a favor da higiene das nossas cidades. Através dos nossos grupos de escoteiros e companhias de guias, junto dos rapazes e raparigas das nossas amizades e relações, fomentemos o hábito de conservar limpas as ruas e avenidas das cidades e vilas de Portugal. Façamo-lo primeiro com o nosso exemplo e depois com o

(Conclui na página 16)

A PSICOTECNIA E O DESPORTO

(Conclusão da página 15)

atingir as velocidades «record» num percurso; é o entusiasmo comunicativo ao cavalo, que o faz correr mais veloz; a agressividade é uma qualidade fundamental do boxeur. Isto mostra à saciedade que a escolha dos atletas para as diversas práticas desportivas é um complicado problema de psicotécnica.

Além deste aspecto, diríamos específico, que pretende caracterizar o atleta para cada tipo de desporto, há ainda outra circunstância que valoriza extraordinàriamente a respectiva prática. É uma banalidade que uma das mais altas qualidades que deve caracterizar o bom desportista é o saber perder. Quantos juízes de campo, quantos árbitros não falham nas suas actuações por se deixarem emotivar, no decorrer de um combate, pelo entusiasmo mesmo subconsciente a favor de um dos contendores.

Isto quer dizer que todo o desportista deve possuir uma personalidade na qual, a par do mais intenso esforço afectivo para ganhar, aceite calmamente a perda da competição. Tão forte deve ser o esforço para a vitória, como a calma na perda da prova. Esta dualidade, esta ambivalência psicológica entre extremos opostos exige, da parte do praticante do desporto, uma perfeita formação caracterológica, que é necessàriamente condicionada pela personalidade de cada um.

* * *

Tais são as considerações de ordem psicológica que apresento nestas «Jornadas». Sabido que a psicotecnia possui, hoje, métodos de observação que nos permitem avaliar, com bastante precisão, o temperamento, o carácter, a fórmula da personalidade do indivíduo humano, torna-se indispensável que a prática desses meios de observação entrem na rotina da selecção dos praticantes de desporto com um coeficiente não menos importante e não menos significativo do que já se atribui aos métodos de observação somática.

E será, portanto, de desejar que os clubes criem gabinetes de psicotecnia privativos, com técnicos convenientemente habilitados e capazmente apetrechados, para mais valorizarem e elevarem, a um máximo expoente, a cultura física e desportiva dos seus associados.

É este o voto que proponho nestas «Jornadas».

VÍTOR FONTES

Testes Psicológicos para seleccionar chefes

(Conclusão da página 9)

chefe, e que, em realidade, dado aos quadros reais que apresentam a olhos nus, aos próprios leigos no assunto, mais mereceriam ser encaminhados pelas referidas autoridades dos escoteiros, numa atitude meritória, aos sanatórios ou às clínicas psiquiátricas especializadas.

Voltaremos ao assunto.

PROF. ACHILLES LEÃO DE JESUS

Cascas de Laranja

(Conclusão da página 15

nosso conselho e havemos de obter bons resultados. Entretanto, pode ser que outras Instituições queiram coadjuvar esta campanha que muito poderá contribuir para o prestígio da nossa Terra e para evitar desastres causadores de sofrimento.

———— • • o • • ————

DR. LEOPOLDO DE FIGUEIREDO

Na companhia de sua Esposa, este nosso ilustre amigo, antigo escoteiro, regressou dos Estados Unidos, onde se encontrava há um ano em visita de estudo a estabelecimentos médicos da nação americana.

Apresentamos-lhe os nossos votos de boas-vindas.

METEOROLOGIA

(Conclusão da página 13)

Animais — Os animais oferecem-nos também interessantes indícios. Assim: Se as andorinhas voam alto, as cigarras cantam, os peixes saltam, as rãs e os sapos conservam-se mudos, as aranhas fazem as suas teias, os gatos lavam-se, os besouros zumbem, são sinais de bom tempo. Se os pássaros cantam durante a chuva, indicam que o mau tempo vai suspender.

Se as baratas ficam alvoroçadas, os patos fogem da água, se as vacas cheiram o chão, os galos cantam mais alto do que é habitual, os sapos coaxam, as andorinhas voam inquietas e piam, as moscas não saem de casa, os porcos grunhem, as abelhas não saem da colmeia, são sinais de chuva.

O povo tem criado ainda muitos adágios que são interessantes sínteses da sua experiência, especialmente daqueles que vivem nos campos ou no mar.

Vejamos alguns:

Madrugar maleitoso, dia tormentoso.
Manhã ruiva, ou vento ou chuva.
Vermelha alvorada, vem mal encarada.
Pela manhã trovões, pela tarde tufões.
Alas frias dão os bons dias.

Sol ruivo, vento seco.
Sol azulado, lava o adro.
Sol roxo, água a olho.
Sol com anéis, água a tonéis.
Rosado Sol posto, cariz bem disposto.
Sol claro no poente, boa esta noite e amanhã excelente.

Lua à tardinha com seu anel, dá chuva à noite ou vento a granel.
Céu limpo e lua no horizonte, de lá te virá o vento.
Lua com circo, água traz no bico.

Choveu-te ao Sol posto, amanhã te ventará no rosto.
Cerração baixa, Sol que racha.
Depois da chuva nevoeiro, tens bom tempo marinheiro.

Calma em tempo frio traz molhado.
Calor em tempo frio, chuva por castigo.
Frio em tempo molhado traz serenado.

Núvem comprida que se desfia, sinal de grande ventania.
Núvens paradas, aos pares, cor de cobre,
é temporal que se descobre.

* * *

Os apontamentos dados para esta prova de 1.ª classe permitem não só que o Escoteiro possa habilitar-se a esta prova, mas também que prepare os trabalhos respectivos para tirar a insígnia de «Meteorologista». Constituem, além disso, conhecimentos importantíssimos para a vida de campo. Porém, só serão verdadeiramente úteis quando forem comprovados pela prática. Que a insígnia de primeira classe, que brevemente brilhará no teu braço, ateste a tua experiência campista.

E. R

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS



QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA